



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

HENRIQUE SIMÃO MUTALI

O GRITO DE JESUS NA CRUZ

Uma releitura intertextual com Jb 3

Dissertação Final
sob orientação de:
Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra

Lisboa
2016

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que no mundo sofrem crueldades no corpo ou na alma, de forma inocente, de modo particular às vítimas das guerras no médio Oriente, da miséria em muitos países de África assim como às dos atentados na Europa.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, o Todo-Poderoso, que maravilhoso me levou à existência como uma outra expressão do mundo;

Aos meus pais que me geraram à vida e souberam cuidá-la até à maturidade.

A Dom José de Queiroz Alves, Arcebispo Metropolitano do Huambo, que me ofereceu mais uma oportunidade para continuar no longo caminho da busca do conhecimento das verdades reveladas;

À Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra, que diligentemente aceitou orientar esta dissertação;

Ao senhor Padre Mário Rui Leal Pedras, Prior das Paróquias de São Nicolau, São Julião e Santa Maria Madalena, pela sua dedicação em acolher e ajudar sacerdotes e jovens africanos e não só.

Agradeço ainda, a título póstumo, a Dom Mateus Feliciano Tomás, Bispo do Namibe e ao senhor Pe. Venâncio Constantino Capiñgala, Reitor do Seminário Maior de Cristo-Rei, Huambo, que desde cedo apostaram e tiveram confiança em mim.

A todos os Docentes desta magna Academia do saber, a minha sempiterna gratidão.

Siglas e Abreviaturas

a.C.....	antes de Cristo
AA.VV	Autores vários
AAS.....	Acta Apostolicae Sedis
Act.....	Actos dos Apóstolos
AO.....	Apostolado de Oração
Ap.....	Apocalipse
Apud.....	Em
AT.....	Antigo Testamento
Cap.....	Capítulo
Cf.....	conferir
Col.....	Epístola aos Colossenses
Cor.....	Coríntios
d.C.....	depois de Cristo
DV.....	Dei Verbum
ed.....	edição
Ed.....	Editorial
Fl.....	Filipenses
Fm	Filémon
Gál/Gl.....	Gálatas
GS.....	Gaudium et spes
Heb.....	Epístola aos Hebreus
Ibid.....	Ibidem
Id.....	Idem
Is.....	Isaiás
Jb	Job
Jo.....	João
Jr/Jer	Jeremias
Lc.....	Lucas

LG	Lumem Gentium
Mc.....	Marcos
Mt.....	Mateus
n.t	nossa tradução
n.....	número
nn	números
NT.....	Novo Testamento
Op.cit.....	Opus citatum
p.....	página
Ped	Pedro
pp.....	páginas
Rev.....	Revista
Rm/Rom	Romanos
S.....	seguinte
Sab.....	Sabedoria
Sl	salmo
Ss	seguintes
Tit	Tito
Tm.....	Timóteo
Trad.....	Tradição
trad.....	tradução
Ts/Tes.....	Tessalonicenses
v.....	versículo
Vol	volume
vv	versículos

Abstract

The reality of human suffering, especially innocent, impels me to seek in time sense that the man was giving him throughout history. Sacred Scripture, being the Work of God's meeting with man in history is full of these realities, which solution always depended on the various factors of the concrete situations of the people.

One of the most eloquent examples is the one we find in Jb 3,1 - 26, in which the author opens his mouth exposing the miserable situation that surrounds it, he who was faithful to God. Job's "why" moves all human existence, which leaves the impression that the words of Job, innocent, foreshadowed the supreme interjection of Jesus on the Cross, Eloi, Eloi, Lema sabacthani ?, which means: My God my God, why have you forsaken me "(Mk 15,36; Mt 27,46)?. These and others are the main reasons that led us to choose as a title for this Dissertation " *“O grito de Jesus na cruz: Proposta de uma releitura intertextual com Jb 3”*.

The work is divided into three chapters, preceded by an introduction that describes the method of intertextuality, which predominates in this dissertation.

Keywords: intertextuality, suffering, innocence, cry and forsaking.

Resumo

A realidade do sofrimento humano, sobretudo inocente, impele-me a buscar no tempo o sentido que o homem lhe foi dando ao longo da história. A Sagrada Escritura, sendo a obra do encontro de Deus com o homem na História, está cheia destas realidades, cuja solução dependeu sempre dos vários factores das situações concretas do povo.

Um dos exemplos mais eloquente é aquele que encontramos em Jb 3,1-26, em que o autor abre a boca expondo a situação miserável que o envolve, ele que era fiel a Deus. O “porquê” de Job move toda a existência humana, o que deixa a sensação de que nas palavras de Job, inocente, esteja prefigurada a interjeição suprema de Jesus na Cruz : *Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?*, que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15,36; Mt 27,46). Estas e outras são as razões que nos levaram a intitular esta Dissertação por “*O grito de Jesus na cruz: Proposta de uma releitura intertextual com Jb 3.*”

O trabalho está dividido em três capítulos, precedidos por uma longa introdução que relata o método da intertextualidade, que predomina nesta dissertação.

A palavras-chaves: intertextualidade, sofrimento, inocência, grito e abandono.

Palavras-chave: Intertextualidade, sofrimento, inocência, grito e abandono.

Introdução

A vida humana está marcada por diversas decisões, pela razão da liberdade e vontade de que o homem é dotado. Todavia, existem certas questões da vida que ultrapassam a simples vontade e liberdade humanas porque superam os seus níveis de vida. A Sagrada Escritura, sendo obra do encontro de Deus com o homem na História, está cheia destas realidades, cuja solução não dependeu apenas da fidelidade ou infidelidade, mas da realidade do povo num determinado contexto. Um dos momentos mais eloquentes é aquele que encontramos no Livro de Job.

Job é um protagonista sublime, arrojado e até enigmático. A sua linguagem é forte, cheia de imagens, luz e sombras que levam o seu leitor a um questionamento. Tocado pela maneira como Job se questiona, o leitor sente-se tocado na alma e nas suas próprias entranhas. Job advoga a causa humana com toda a sua robustez emotiva e do seu interior brota um grito como um vulcão (Job 3,1-26). O “porquê” de Job move a existência humana na sua totalidade. Motivo que levou alguns autores a afirmar: «estremece já nas palavras do ancião inocente a prefiguração desta interjeição suprema sobre a Cruz, a qual os cristãos jamais cessarão de, frequentemente, escutar desse Filho “ *cum clamore*”, valido que diz no rosto de seu Pai: *Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?*, que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?»¹ (Mc 15,36; Mt 27,46). Alguns chegam mesmo a dizer que não se trata apenas de um grito, mas também de uma acusação, junto à qual a retórica dos poetas parece fraca por causa da sua riqueza inesgotável»².

Conscientes de que a Sagrada Escritura nasce do encontro de Deus com um povo concreto e, seguros de que ela é Palavra de Deus em linguagem e cultura humanas, queremos descobrir no grito de Job, elementos constantes e divergentes com aqueles do grito de Jesus na Cruz, se os houver.

A questão do sofrimento que existe no mundo, na maior parte das vezes, sem culpa própria; a pobreza exagerada no mundo e sobretudo nalgumas partes de África, Médio Oriente e Ásia; as diversas epidemias a que as ciências não conseguem dar resposta, a ganância entre os homens, a dor e a morte por causa das guerras, parecem superar a

¹ José A RAMAOS, et alii, *Bíblia 2000 – Job e Provérbios*, trad. Faculdade de Letras de Lisboa, Alfas, Lisboa 1998, p.16.

² Cf. Idem.

capacidade humana de reflexão. Estas e outras questões, que me parecem um desafio à vida humana, impeliram-me a mergulhar no Livro de Job para tentar buscar alguma explicação (antídoto) para o homem de hoje, cuja felicidade constitui a nossa preocupação. E, para não cair numa leitura unilateral, quis juntar a visão do Novo Testamento, na pele de Jesus, Homem-Deus, que experimentou o abandono e o sofrimento na Cruz. Daí, a razão do título que demos a este estudo: *O grito de Jesus na cruz: Proposta de uma releitura intertextual com Jb 3*.

Neste trabalho queremos aprofundar, a partir do texto de Jb 3, elementos semânticos e temáticos relevantes, constantes e divergentes com alguns textos do NT (Mt 27,33; Mc 15,33-41; Lc 23,44-49; Jo 19,28-30), citando os estudos recentes sobre a dinâmica da Intertextualidade bíblica. Trata-se de estudos que pretendem oferecer uma compreensão global das Escrituras, estabelecendo relações textuais entre o NT e o AT. Estas relações serão abordadas ao longo da nossa dissertação, permitindo abrir uma nova janela dos estudos bíblicos. Neste sentido, ocorre oferecermos uma breve incursão, nesta introdução, sobre alguns traços da dinâmica da intertextualidade bíblica; os seus conceitos e metodologia; a estrutura intertextual bíblica; leituras cristãs do Antigo Testamento; ecos dos primeiros cristãos.

a. A Dinâmica da Intertextualidade Bíblica

Em toda a História da Humanidade, os acontecimentos nunca apareceram de forma isolada. Eles andam sempre interligados, como o sustenta a própria Filosofia da História, que se ocupa da reflexão sobre os acontecimentos humanos e as possíveis soluções que lhes foram dadas de acordo com as circunstâncias que os envolveram.

Esta ideia aplicada à literatura moderna, dá-nos conta de que também os textos não aparecem isolados. Existe sempre uma associação de pensamento (se não explícito ao menos implícito) que é o sustentáculo ou esqueleto do pensamento ou texto a imergir como novo. Os elementos externos ou topográficos (lugar do acontecimento), os elementos internos como o género literário, onomásticos, circunstâncias etc.), são alguns dos que acomunam acontecimentos que, mesmo distantes no tempo, podem ler-se em

paralelo. Deste modo, reemerge no pensamento bíblico moderno um novo interesse pela *Intertextualidade Bíblica*³.

A Comissão Pontifícia Bíblica, já advertia os que se dedicam ao estudo da Bíblia, que não se limitassem apenas nos métodos tradicionais, que são de grande importância, mas que recorressem também às ciências humanas para buscar auxílio a fim de se aclarar o sentido do pensamento revelado⁴. Pois, que nenhum método, enquanto único, é capaz de albergar todo mistério sagrado⁵. Neste contexto, a dinâmica da *Intertextualidade Bíblica*, encontra um apoio e reconhecimento, que lhe permitirá através das ciências literárias humanas e outros métodos encontrar um paralelismo literário interno inerente à compreensão plena da Sagrada Escritura.

b. Conceitos e Metodologia

O termo “*intertextualidade*” designa um conjunto de conceitos. Assenta no pressuposto de que um texto (na concepção lata de “prática significante”) não tem existência isolada e a sua criação artística, não só literária, não parte de um vazio, mas estabelece relações, implícitas ou explícitas com outros textos⁶. A esse respeito, Julia Kristeva (1970) cunha a expressão “diálogo textual”⁷; conceito que vem mostrar que cada texto só existe em função de outro (s). Nesse sentido, a intertextualidade bíblica consiste num horizonte de expectativa, sobre o qual o novo texto se inscreve e adquire sentido.

Essas múltiplas relações podem ser de natureza diversa, revestir várias formas e manifestar-se em diferentes graus. Um texto relaciona-se, desde logo, com o seu arquétipo, isto é, a primeira forma ontológica deste texto, se não escrito pelo menos na forma transmitida pela oralidade. Isto pode traduzir-se na maior ou menor obediência às regras do género literário em que se procura integrar⁸. No início da Sua vida pública, Jesus lê as palavras do profeta Isaías (Is 61,1-11), com as quais o profeta consolou e levou

³ . De *intertextualidade*, o termo refere-se a superposição de um texto a outro. Na elaboração de um texto literário, ocorre o fenómeno quando há a absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos.

⁴ Cf. COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Secretariado Geral do Episcopado, Rei dos Livros, Lisboa, 1993, p.72.

⁵ Cf. *Ibidem* ... *As ciências humanas não se reduzem a sociologia, antropologia e a psicologia. Outras ciências podem também ser úteis para a interpretação da Bíblia. Em todos estes domínios é preciso respeitar as competências e reconhecer que é pouco frequente que uma mesma pessoa seja qualificada e noutras ciências humanas.*

⁶ Cf. Jorge Colaço, *Intertextualidade*, in, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, v.10, Verbo, Porto, 1999, col.06

⁷Cf. KRISTEVA, J., *Séméiotikè: recherches pour une sémanalyse*, Seuil, Paris, 1970, p. 18.

⁸ Cf. *Idem*.

à esperança aos exilados. O profeta pronuncia-as num tempo e circunstâncias determinados. E Jesus, ao dizer: “hoje mesmo cumpriu-se esta passagem da escritura”, assume e encarna a profecia, dando-lhe cumprimento, recomeçando um novo caminho da libertação, não de exilados, mas da escravidão do pecado e da morte (cf. 4,18-21). Além de omnipresente a dinâmica da Intertextualidade é multiforme: evidencia-se na paródia ou imitação, é mais fugidia na alusão subtil; mas é sempre uma forma de incorporação e alargamento do sentido. Não se trata de considerar vagas influências, mas sim de observar como um determinado texto assimila e transforma outros textos sem perder a sua identidade e autonomia.

c. A estrutura intertextual da Bíblia

Uma leitura mais acurada da Bíblia certamente leva o leitor a reconhecer a presença recorrente do fenómeno linguístico da *Intertextualidade*. Trata-se das várias maneiras pelas quais a produção e receção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos, por parte de seu autor ou autores e é, na actualidade, um tema de interesse de diferentes disciplinas, inclusive da Linguística Textual e da Hermenêutica⁹, onde essa se encaixa. Enfim, a intertextualidade associa dois ou mais campos textuais para criar, eficazmente, um novo contexto, no qual apresenta o texto para ser lido. Ela junta dois textos que não têm conexão literal ou lógica e promove mediante essa interação dinâmica, um novo significado, cria uma espécie de *semelhança*. Portanto, a intertextualidade é inerente à literatura, faz parte dela como recurso e como princípio de literariedade do texto¹⁰.

O estudo deste fenómeno alcançou no último quarto do século XX um grande avanço, nomeadamente nas investigações sobre a interpretação do Antigo Testamento. Já em meados daquele século, A. Robert falava da existência de uma reutilização e atualização de expressões ou fórmulas de textos bíblicos anteriores resultando num novo texto qualificado como *midráxico*; estudos posteriores comprovaram os primeiros e

⁹ O termo *hermenêutico* pode ser significado em várias palavras, como tradução, interpretação, significação, explicação, transposição para outra língua.

Usado no singular, refere-se a uma Teoria geral de interpretação que governa a exegese e, por extensão, todas as formas de interpretação literária.

¹⁰ Cf. Jorge Colaço, *Intertextualidade*, in, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ,Op. Cit. Col. 06.

começaram a apontar a vigência histórica ou *virtualidade histórica* no texto sagrado em nível superior ao encontrado em qualquer outra literatura¹¹.

d. O Antigo e o Novo. Leituras cristãs do Antigo Testamento

Hoje em dia são diversas as questões que se levantam no mundo da interpretação, sobre o elo de ligação entre AT e NT. Será que o Novo Testamento anula o Antigo, partido da tese da promessa/cumprimento? Ou haverá uma possibilidade de inclusão? Na linguagem de P. Beauchamp, uma tese tem sido colocada insistentemente no Novo Testamento: os acontecimentos da vida e morte de Jesus ocorreram para se cumprirem as *Escrituras*. A repetição linguística permite falar de uma fórmula. Chamamo-la *fórmula de cumprimento* muito legível em Mt 26,56: "Tudo isto aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas". Os exegetas que estudam o Antigo Testamento foram convidados, por esta fórmula organizada em torno do verbo "cumprir", a procurar no Novo Testamento uma chave (não a única) para a interpretação do Antigo. Será que esta leitura, que chamamos de "crística", é exigida pelas próprias Escrituras?

O termo Escrituras Sagradas precede o termo Bíblia. Da perspectiva teológica, a Bíblia é o livro sagrado do Cristianismo. Sagrado é um valor especial, ligado ao transcendente, que invade algo e lhe confere um novo significado"; no caso do livro judaico-cristão, a sua origem humana está em quem recebeu a inspiração e a transmitiu (especialmente os fundadores do Judaísmo e do Cristianismo), fazendo agregar aos seus escritos esse valor especial¹². No caso, o judeu faz a sua leitura a partir da Torah escrita à luz da Torah oral, que é o contexto da tradição que modela o Judaísmo e o cristão fá-la a partir do conjunto que consta do Antigo Testamento e dos livros finais denominados Novo Testamento, que é, igualmente, o contexto da tradição que formata o Cristianismo.¹³

O Novo Testamento refere-se à "Sagrada Escritura" com o termo "Escrituras" (2 Tm 3,15s) e a uma passagem determinada (cf. Lc 4,21 em referência a Is 61,1s) com o termo "Escritura". Essa literatura tem origem divina, pois é considerada palavra de Deus revelada aos homens cujo exemplo emblemático é a receção por Moisés, das instruções e leis de Deus nas Tábuas constituindo-as o símbolo da origem e da presença divina; é canônica, visão cristã que aponta para a suficiência e exclusividade de seus livros em

¹¹ Cf. David DOCKERY, *Hermenêutica Contemporânea à Luz da Igreja Primitiva*, trad. Álvaro Hattner, São Paulo, Vida, 2005, p. 2.

¹² Cf. Paul BEAUCHAMP, *Lecture Chrétienne de L'Ancien Testament*, Paris, 2000, p.4.

¹³ Cf. Idem.

distinção da literatura profana, conforme exige a Lei (Dt 4,2) e adverte o profeta (Ap 22.19); e fundamenta os dois sistemas religiosos, pois, como palavra de Deus e sua vontade é a base sobre a qual o Judaísmo e o Cristianismo estão fundamentados bem como é fonte de autoridade para que essas religiões instruem suas verdades, dogmas e vivências (P. Beauchamp, 2000).

Relativamente às questões acima colocadas, P. Beauchamp defende que lendo o AT se compreende que a fórmula do cumprimento não tem o sentido que comumente lhe é atribuído pela simples interpretação. Diz ele: "Do ponto de vista formal ela coloca em presença um facto da vida de Jesus e uma parte a totalidade das Escrituras, muitas vezes atribuindo finalidade a este facto se para "cumprir"¹⁴. Nesta perspectiva, o AT é dado como para explorar o que está para se cumprir, a promessa para se ter, o processo bem-sucedido. Para nos limitar, assumimos claros os equívocos ligados ao termo "cumprir". O cumprimento das Escrituras não remove o tempo, mas ele está entrando numa nova era, ela se desenrola no tempo: o tempo de Deus e tempo dos homens são um. E o processo não é para ser considerado ingénuo como uma transição simples do menos ao mais. Não só no plano de Deus, mas também em seres humanos que fazem isso de época para época. O termo é, longe do começando, sem que o processo possa ser reduzido ao círculo. Tudo isto de acordo com uma modalidade que foi digitalizada pela teologia tradicional, como é constantemente por escrutinar pela teologia especulativa.

A Bíblia Hebraica é a Bíblia dos judeus que, no Cristianismo, é conhecida por Antigo ou Velho Testamento. O processo de sua formação, isto é, a formação de seu cânon ocorreu no decorrer de um milénio e sua a construção revela o projeto de Deus com relação ao povo da aliança. Este cânon tem uma estrutura tripartida: *Torah*, *Nebi'ím* e *K^etubím*.

A *Torah* foi a primeira coleção formada, contendo o Pentateuco; a segunda, conhecida como *Nebi'ím* ou Profetas, compreende os Profetas Anteriores e os Posteriores; e a terceira coleção formada foi aquela dos *K^etubím* ou Escritos, da qual constam os livros sapienciais e os poéticos, etc... Uma junção das três primeiras letras de cada uma dessas coleções levou ao nome pelo qual a Bíblia é conhecida entre os judeus.

¹⁴ O verbo "cumprir" significa: (a) fazer uma predição; (b) ter uma promessa; (c) ter um processo bem sucedido [Cf. AAVV, *The Colledgeville Bible Commentary* - Based on The New American Bible, New Testament, Robert J. Karris (General Editor), The Liturgical Press, Colledgeville, Minnesota, 1988, p.40].

A Bíblia Cristã é decorrência da Bíblia Hebraica e consta desta com o acréscimo de uma segunda parte, conhecida por Novo Testamento ou mesmo Segundo Testamento. Este cânon tem uma estrutura classificada em quatro partes: Evangelhos, na qual há 4 (quatro) perspectivas do personagem central, Jesus; Actos, como segunda parte de um dos evangelhos, o de Lucas; Cartas, nas quais há as paulinas e as gerais; e Apocalipse, um livro marcado por narrativas e visões.

Disto tudo se depreende que o conjunto da Bíblia Hebraica e da Bíblia Cristã constitui, para os cristãos, a sua Bíblia. Ela é Escritura Sagrada, Palavra de Deus, livro inspirado que precisa de ser lida e compreendida. Isto é a área da interpretação e compete à Hermenêutica. Porém, é clara a ideia que P. Beuchamp nos deixa aqui segunda a qual o termo cumprimento não anula o tempo, sob pena de reduzir o processo salvífico a um círculo¹⁵.

e. Ecos dos Primeiros Cristãos

D. Marguerat recorda-nos que Marcião desejava retirar todos os traços de Antigo Testamento da Fé cristã¹⁶. Menos de 50 anos depois da morte do apóstolo João, por volta do ano 100, um jovem rico chamado Marcião afirmou publicamente que o Velho Testamento devia ser rejeitado pelos cristãos. Segundo Robin Lane Fox, historiador inglês, Marcião argumentou que “‘Deus’ no Velho Testamento era um ‘bárbaro irreduzível’ que favorecia bandidos e terroristas como o Rei David, de Israel. Cristo, em contraste com isso, foi a revelação nova e distinta de um Deus inteiramente superior”. O fisioterapeuta Robin L. Fox (1786) na sua obra intitulada “*Traité d’anatomie et de physiologie*”, Tratado de Anatomia e Fisiologia, escreveu que essas crenças “deram origem ao ‘marcianismo’ e continuaram a atrair seguidores até quase o final do quarto século, em especial no Oriente de língua siríaca”¹⁷. Algumas dessas ideias ainda persistem hoje nalguns autores, patente nos seus critérios e métodos impróprios. Será que o AT foi substituído? Como conciliar “o Deus e Senhor dos exércitos” do AT com “o Deus de amor e de paz” do NT (Is.13,13; 2Cor 13,11)?

A reflexão dos primeiros cristãos modela-se a partir da Escritura; ela lê selectivamente a Bíblia Hebraica e interpreta-a com uma liberdade / novidade inaudita.

¹⁵ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Lecture Christique de L’Ancien Testament*, op.cit. 5.

¹⁶ Cf. D. MARGUERAT, *Le Dieu des premiers Chrétiens*, in *Essais Bibliques*, 16, Genève, 2011, p 87.

¹⁷ Robin L. Fox, *Traité d’anatomie et de physiologie*, apud, D. MARGUERAT, *Le Dieu des premiers Chrétiens*, in *Essais Bibliques*, 16, Genève, 2011, p. 87.

A relação com as Escrituras judaicas não é uniforme entre os primeiros cristãos; é possível estabelecer três modelos: a continuidade, a promessa realizada e a ruptura. É necessário conjugar estes três modelos; deixar a si mesmo, cada um dos seus derivados teológicos¹⁸. Ele sustenta ainda que na relação entre o Deus do AT e o Deus de Jesus Cristo é preciso considerar que com Marcião nós estamos entre 100 e 150... a referência às Escrituras cristãs varia consideravelmente de uma Igreja para outra. *Pelo contrário, todos leem a Escritura. Todos meditam a Escritura e reconhecem que ela é inspirada. No entanto aquilo a que eles chamam Escritura não é o NT (que ainda não existia formalmente como tal), mas a Bíblia Hebraica, o AT:*

«Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e de que adquiriste a certeza, bem ciente de quem o aprendeste. *Desde a infância conheces a Sagrada Escritura*, que te pode instruir, em ordem à salvação pela fé em Cristo Jesus. *De facto, toda a Escritura é inspirada por Deus* e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a obra boa»¹⁹.

A expressão grega *πασα γραφη* (toda a escritura) significa “cada passagem da Escritura” ou a “Escritura inteira”. No constante diálogo entre a Palavra de Deus e a situação dos discípulos, toda a Bíblia é meio de crescimento da vida cristã, síntese inspirada e visão daquilo que virá ser o discipulado²⁰. É também oportunidade para as ocasiões de reflexão bíblica e o bastão que mede a autenticidade espiritual. A autoridade da Bíblia Hebraica no cânon cristão é baseada teologicamente na autoridade de Jesus como o Messias. Pelo seu uso na pregação e a palavra de Deus, é levada também aos não judeus²¹ (cf Is.2,2-5; Mt.28,18-20). Ocorre, então, perguntar:

Em que medida as Escrituras Judaicas alimentaram a teologia cristã do séc. II e não só a teologia, mas também a liturgia, os hinos, a fé e o sentido ético dos cristãos?

Segundo a dinâmica da intertextualidade, logo a seguir à morte de Cristo, os primeiros cristãos alimentaram a sua fé na cultura e fé judaicas. Daniel Marguerat sustenta

¹⁸ Cf. D. MARGUERAT, *Le Dieu des premiers Chrétiens*, op.cit, p.87.

¹⁹ Cf. 2 Tm 3,14. A presenta a Sagrada escritura como sustentáculo da fé e da vida e Paulo apela à firmeza naquilo que se aprendeu desde da infância. Os seus mestres foram principalmente a sua mãe, a avó (Cf. 1,5) e o próprio apóstolo Paulo. A expressão Sagrada Escritura encontramos-la na boca dos gregos Josefo, Fílon, e Flávio para designar os livros sagrados.

Os pais judeus eram obrigados a providenciarem que os filhos fossem instruídos na Lei, mal chegassem a idade dos cinco anos. Este radicalismo ainda é sustentado por algumas religiões que dispensam a liberdade na educação em benefício de uma repreensão excessiva como um mandato. Aqui encontramos também uma submissão da mulher, pois o cuidado dela cabia ao homem.

²⁰ Cf. Nota sobre 2Tm3,16 ; *Bíblia Africana*.

²¹ Cf. Idem.

a ideia de que a presença intensa das Escrituras judaicas, na Igreja, põe um problema teológico relevante: entender qual é a relação entre o destino de Israel e a História do Cristianismo. Qual é a continuidade entre o Deus do Êxodo, que libertou os hebreus da opressão do Egito e o Deus de Jesus Cristo, a quem este dirige o grito «Porque me abandonaste²²» (Mc 15,34)?

Marcião propôs ao cristianismo do séc. II resolver o problema da relação entre AT e NT através de um modelo de rejeição. O Antigo foi visto como um contra modelo do Novo; opondo o Deus terrível de Israel ao Deus de perdão e o universalismo cristão ao particularismo judaico. Este modelo marcionista conheceu um imenso sucesso... Foi necessária a energia de Padres da Igreja – Tertuliano e Ireneu – para salvar o Antigo Testamento, a partir de um enquadramento cristão, recusando uma amputação dramática das Escrituras referenciais do cristianismo. Posteriormente, o marcionismo, enquanto um fenómeno divisionista, foi destruído. No entanto a questão teológica permanece incontornável e a rivalidade que construiu a fé popular entre o Deus dos Exércitos e o Deus de Jesus Cristo revela alguns traços de um marcionismo latente. Na verdade, a questão colocada por Marcião mostra que o debate sobre a relação entre AT e NT afeta a fé cristã no seu coração.

O nosso objectivo é auscultar a literatura neotestamentária para examinar como se tece a relação com as Escrituras de Israel e tentar agarrar, na sua literalidade narrativa, a convicção dos primeiros cristãos²³. Num primeiro momento, centramo-nos no modo como o NT constrói num diálogo com as Escrituras Judaicas; este diálogo e conflito enraízam-se na própria atitude de Jesus. Num segundo momento, procura-se mostrar que reduzir a relação Antigo/Novo Testamento a um cenário de promessa-cumprimento é amplamente redutor; esta fórmula representa um consenso débil, uma redução ociosa, que está longe de redescobrir os verdadeiros modelos de releitura cristã do Antigo Testamento.

²² Cf. D. MARGUERAT, *Le Dieu des premiers Chrétiens*, in *Essais Bibliques*, 16, Genève, 2011, p 87.

²³ Cf. D. MARGUERAT, *Le Dieu des premiers Chrétiens*, op. cit. p.88

Capítulo I - O testemunho textual do NT: Mt 26,36-46/ 27,45-51; Mc 15,33-41; Lc 23,44; Jo 19,28

A nossa atenção centra-se nos textos do NT que aludem ao momento de grande sofrimento de Jesus, durante o qual Ele exprime o seu grito, como expressão da profunda dor humana que brota do seu interior.

Mt 26,36-46 (//Mc 14,32-42)

<p>^{26,36}Τότε ἔρχεται μετ' αὐτῶν ὁ Ἰησοῦς εἰς χωρίον λεγόμενον Γεθσημανὶ καὶ λέγει τοῖς μαθηταῖς· καθίσατε αὐτοῦ ἕως [οὔ] ἀπελθὼν ἐκεῖ προσεύξωμαι.³⁷ καὶ παραλαβὼν τὸν Πέτρον καὶ τοὺς δύο υἱοὺς Ζεβεδαίου ἤρξατο λυπεῖσθαι καὶ ἀδημονεῖν. ³⁸τότε λέγει αὐτοῖς· περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχὴ μου ἕως θανάτου· μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ' ἐμοῦ. ³⁹ καὶ προελθὼν μικρὸν ἔπεσεν ἐπὶ πρόσωπον αὐτοῦ προσευχόμενος καὶ λέγων· πάτερ μου, εἰ δυνατόν ἐστιν, παρελθάτω ἀπ' ἐμοῦ τὸ ποτήριον τοῦτο· πλήν οὐχ ὡς ἐγὼ θέλω ἀλλ' ὡς σύ.</p>	<p>Mt 26,³⁶ Entretanto, Jesus com os seus discípulos chegou a um lugar chamado Getsémani e disse-lhes: «Sentai-vos aqui, enquanto Eu vou além orar.» ³⁷E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. ³⁸Disse-lhes, então: «A minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai comigo.» ³⁹E, adiantando-se um pouco mais, caiu com a face por terra, orando e dizendo: «Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres.»</p>
---	---

Mt 27,45-51 (//Mc 15,33-41)

<p>^{27,45} Ἀπὸ δὲ ἕκτης ὥρας σκότος ἐγένετο ἐπὶ πᾶσαν τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης.⁴⁶ περὶ δὲ τὴν ἐνάτην ὥραν ἀνεβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῇ μεγάλῃ λέγων· ηλι ηλι λεμα σαβαχθاني; τοῦτ' ἐστιν· Θεέ μου θεέ μου, ἵνατί με ἐγκατέλιπες; ⁴⁷ τινὲς δὲ τῶν ἐκεῖ ἐστηκότων ἀκούσαντες ἔλεγον ὅτι Ἥλιαν φωνεῖ οὗτος.⁴⁸ καὶ εὐθέως δραμὼν εἷς ἐξ αὐτῶν καὶ λαβὼν σπόγγον πλήσας τε ὄξους καὶ περιθεις καλάμῳ ἐπότιζεν αὐτόν. ⁴⁹οἱ δὲ λοιποὶ ἔλεγον· ἄφες ἴδωμεν εἰ ἔρχεται Ἥλιος σώσων αὐτόν. ⁵⁰ὁ δὲ Ἰησοῦς πάλιν κράξας φωνῇ μεγάλῃ ἀφῆκεν τὸ πνεῦμα. ⁵¹ Καὶ ἰδοὺ τὸ καταπέτασμα τοῦ ναοῦ ἐσχίσθη ἀπ' ἄνωθεν ἕως κάτω εἰς δύο καὶ ἡ γῆ ἐσεισθη καὶ αἱ πέτραι</p>	<p>^{27,45} Desde o meio-dia até às três horas da tarde, as trevas envolveram toda a terra. ⁴⁶Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: Eli, Eli, lema sabacháni?, isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? ⁴⁷Alguns dos que ali se encontravam, ao ouvi-lo, disseram: «Está a chamar por Elias.» ⁴⁸Um deles correu imediatamente, pegou numa esponja, embebeu-a em vinagre e, fixando-a numa cana, dava-lhe de beber. ⁴⁹Mas os outros disseram: «Deixa; vejamos se Elias vem salvá-lo.» ⁵⁰E Jesus, clamando outra vez com voz forte, expirou. ⁵¹Então, o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. A terra tremeu e as rochas</p>
--	--

<p>^{23,44} Καὶ ἦν ἤδη ὥσει ὥρα ἕκτη καὶ σκότος ἐγένετο ἐφ' ὅλην τὴν γῆν ἕως ὥρας ἐνάτης ⁴⁵ τοῦ ἡλίου ἐκλιπόντος, ἐσχίσθη δὲ τὸ καταπέτασμα τοῦ ναοῦ μέσον. ⁴⁶καὶ φωνήσας φωνῇ μεγάλῃ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· πάτερ, εἰς χεῖράς σου παρατίθεται τὸ πνεῦμά μου. τοῦτο δὲ εἰπὼν ἐξέπνευσεν.</p>	<p>^{23,44}Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. ⁴⁵O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. ⁴⁶Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.»</p>
--	--

<p>^{19,28} ²⁸ Μετὰ τοῦτο εἰδὼς ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἤδη πάντα τετέλεσται, ἵνα τελειωθῇ ἡ γραφή, λέγει· διψῶ. ²⁹ σκεῦος ἔκειτο ὄξους μεστόν· σπόγγον οὖν μεστόν τοῦ ὄξους ὑσώπων περιθέντες προσήνεγκαν αὐτοῦ τῷ στόματι. ³⁰ ὅτε οὖν ἔλαβεν τὸ ὄξος [ὁ] Ἰησοῦς εἶπεν· τετέλεσται, καὶ κλίνας τὴν κεφαλὴν παρέδωκεν τὸ πνεῦμα.</p>	<p>^{19,28} Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!» ²⁹Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. ³⁰Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.</p>
--	--

1. Aspectos literários relevantes (personagens, semântica)

Nos textos em epígrafe, o protagonista é o próprio Cristo, Cordeiro imaculado, crucificado por causa da salvação da humanidade pecadora. Os textos de Evangelho (Mt e Mc) põem directamente em cena Jesus, Pedro, Tiago e João (filhos de Zebedeu), reservando um lugar secundário para os demais discípulos, que ficaram sentados (Mt 26,37; Mc 14,33). Porém, os textos de Lc e Jo incluem todos os discípulos na cena, sublinhando a fadiga sem resistência de todos. Contudo, é somente Jo que faz referência a Judas como conhecedor do lugar habitual da oração do Mestre com os seus discípulos (Jo 18,2).

1.1 Os personagens em Mt 26,36-46

Em primeiro lugar, devemos indicar os personagens da perícope de Mt 26,36-46. No v.36 temos Jesus, que é o centro das atenções, e os discípulos, que O acompanham. Aqueles que estão sempre lado a lado com Ele. Entre os discípulos, é mencionado pelo nome, no v.37, o discípulo Pedro, mais dois, com a designação genérica de “os dois filhos

de Zebedeu”. Pedro e os dois filhos de Zebedeu vêm mencionados por causa do protagonismo que têm no Evangelho de Mateus cf 16,13-19; 17,1-8). Temos ainda, no v.46 uma menção vaga de um personagem, isto é, aquele que O vai entregar que, por outros textos (cf v.47) é Judas Iscariotes. Esta menção vaga e imprecisa começou já na Ceia, e esta figura será claramente revelada no momento em que Jesus é entregue.

1.2 Os personagens em Mc 14,32-42

Na segunda perícopes, Mc 14,32-42, os personagens são mais pormenorizados: Jesus e os discípulos, v. 32, e no v.33, além de Pedro, que normalmente é mencionado, mencionam-se também Tiago e João. Não falta em Mc a menção, ainda obscura, daquele que O vai entregar. O nome deste personagem é reservado em outros lugares. Por isso, o v.42 diz simplesmente que entre os personagens está aquele que o vai entregar.

1.3 Os personagens em Lc 22,39-46

Em Lc 22,39-46 entre os personagens, v.39, estão Jesus e os discípulos. Porém, o v.43 fala também de um anjo, que Lhe apareceu para O confortar. As teofanias, já desde o A.T. (cf Gn 18,2ss; 32,24ss), indicam qualquer particularidade com relação à pessoa em causa²⁴.

1.4 Os personagens em Jo 18, 1-2

Finalmente, em Jo 18, 1-2 os personagens são, evidentemente, Jesus, que vai para o outro lado da torrente “O Cédron” e os discípulos que O acompanham e que iam para tal lugar frequentemente. Outro personagem vem descrito no v.2, Judas, que conhecia bem o lugar, pois, aí Jesus Se dirigia com os discípulos.

O Sl 39 (40) dá-nos a sensação de um diálogo prévio, antes da Encarnação, entre o Pai e o Filho imaginado nestes termos: Filho, o mundo está decaído. Para o seu resgate é necessário um acto heroico. E o Filho responde: “ Não quiseste sacrifícios nem oblações mas abriste-me os ouvidos para escutar; não pediste holocaustos nem vítimas. Então eu disse: aqui estou. Anunciei a sua justiça na grande Assembleia. Tu bem sabe Senhor que não fechei os meus lábios; não escondi a tua justiça no fundo do meu coração; proclamei a tua fidelidade e a tua salvação...”(cf Sl 39,7-12ss). E a carta aos Hebreus conclui: “ Eu venho ó Pai para fazer tua vontade, amo a vossa Lei de todo coração (Hb 10,5.7). É

²⁴ Cf. F. J. MOLONEY, *The Gospel Of Mark, A Commentary*, Hendrickson/Publishers, New York, 2002, p. 26.

esta vontade do Pai que vai orientar toda a acção da continuidade, da realização ou ruptura, quando fosse necessário.

Aqui fica claro que a vontade do Pai jamais foi a morte do seu Filho. Tal atitude seria própria de um Deus sanguinário, que só se aplacaria com o sangue de um ente querido. Nem se trata da obediência à lei, porque esta já caducou. Na realidade, o desígnio de Deus foi tornar seu próprio Filho participante da condição humana, com todo aquele amor necessário para que tal condição fosse transfigurada. Ora, a existência humana supõe a morte, e o Pai não a excluiu da sorte de seu Filho, a fim de que a sua fidelidade à condição de homem só tivesse como limite sua fidelidade ao amor do Pai. Com algumas variantes introduzidas no salmo ("um corpo me preparaste' - diz Jesus - "ao entrar no mundo" com a encarnação), o autor insere nas relações trinitárias e preexistentes à encarnação a intenção sacrificial de Cristo... que a cruz fez apenas selar". Em Jesus não há dissociação entre rito e vida; a sua morte é sacrifício espiritual, porque dom total de si na liberdade e no amor²⁵.

A vida terrena de um Jesus Histórico e conseqüentemente o Cristo da fé, o anunciado pelos profetas (Is 7,14-15) e apresentado à Humanidade por João Baptista, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo.1,29), é um dado inquestionável. Jesus nasceu durante o governo de César Augusto, imperador romano, entre os anos 30 a.C a 14 d.C. Precisamente no tempo do primeiro recenseamento, enquanto Quirino era governador da Síria. Nasceu de Maria, esposada por José. E o acontecimento dá-se em Belém da Judeia (cf. Lc 2,1-5).

Este caminho da Cruz começa sobretudo com as chamadas controvérsias, nas quais os contemporâneos de Jesus se viam confrontados por causa da novidade que Ele apresentava. Depois de cumprir todas as prescrições da lei, os oráculos proféticos a seu respeito; depois da circuncisão e do Batismo de João, Jesus começou a sua vida pública. Passa do admirado para o questionado. Porém as suas obras confirmam as suas palavras²⁶.

A primeira controvérsia dá-se quando Jesus entra no Templo: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu, para anunciar a boa nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável ao Senhor" (Lc 4, 18,19).

²⁵ Cf. Benedito FERRARO, *A Significação Política e Teológica da Morte de Jesus*, Vozes Lda., Petrópolis, 1977, p. 61.

²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 55.

O texto continua narrando o acontecimento dizendo “depois enrolou o livro, entregou-o ao responsável, sentou-se e os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. E começou a dizer então: cumpriu-se hoje mesmo a passagem da escritura que acabais de ouvir. Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam das palavras que saíam da sua boca” (Lc 4, 19-20). Na actualização da palavra, Jesus dá conta da rejeição. Por isso, busca o exemplo do Sírio Naama e viúva de Septa, curados no tempo do profeta Elias e seu discípulo Elizeu, o que enche de fúria a sinagoga que o expulsa. Este é já um indicativo da abertura de Jesus aos gentios²⁷.

Admiravam a sua doutrina, que não punham em causa. Mas pensavam que este programa é muito vasto para ser cumprido pelo filho do carpinteiro de Nazaré. O que está em causa é a identidade do executor do programa, que não fazia parte da classe dominante. Pelo que foi tido apenas como um demagogo. Ao afirmar que seu pai era o carpinteiro e suas irmãs estão entre nós, apresentam-nos uma razão para confirmar a historicidade e humanidade de Jesus.

Nesta secção Lucas oferece cinco exemplos do ministério de Jesus que indicam a extensão da sua actividade de ensinar, pregar, expulsar demónios, curar e chamar discípulos, que aumentam a sua popularidade²⁸. O êxodo é a história de uma caminhada guiada por Deus-presente, que a nuvem esconde e revela, de uma relação entre Deus e o homem cada vez mais profunda e pessoal, de que a glória do Senhor é um sinal luminoso, resplendor consistente que brilha no rosto de quem Deus encontrou. É esta história que o templo encerra, no sinal da arca (1Rs 8,1-7). O mistério da presença de Deus no meio dos homens atinge a sua máxima expressão na Encarnação, quando Deus vem habitar no meio de nós (cf. Jo 1, 14).

A realidade das controvérsias continuou:

- Jesus expulsa os Vendedores do Templo (Mt 21,21-13)
- Polémica da Cura ao sábado (Mc 2,1-3;2,-5-12; 2,23-26)
- O Endemoniado e a Vara de Porcos (Mc 5,1-20; Lc 8,26-39)
- Polémica da destruição do Templo para o reconstruir em três dias (Mt 12,40; Jo, 19ss)
- Comer a carne de Jesus e beber o seu sangue (Jo 6,35.54)

²⁷ Cf. JOACHIM JEREMIAS, *El Mensaje De Nuevo Testamento- Evangelio Segun San Mateo*, Ed. Sigueme, Verbo Divino, Madrid, 1989, p. 52.

²⁸ Cf. Idem.

Tudo isto tem o ponto culminante quando Jesus, estando no Templo a ensinar, lhe pedem que faça o mesmo que tinham ouvido que fizera em Cafarnaum. E não tendo realizado o milagre desejado queriam precipita-Lo para baixo. Pois, o milagre exigia ter fé n'Ele (cf. Lc 6,5-6).

2. Circunstâncias específicas e literárias de cada narrativa

Identificados os personagens, tratamos agora das circunstâncias em que a narração decorre: trata-se de um momento difícil na vida de Jesus, v.36, num lugar preciso, indicado com o nome: Getsémani, v.37. O clima é de angústia, tristeza, que traduzem exatamente a dramaticidade da situação. Não faltam, neste cenário, tentações, como a de desejar afastar o cálice, sem que Ele o beba, v.39. Entretanto, Jesus vive este cenário todo com plena consciência da Sua missão (cf. 16,21-24).

Para uma melhor compreensão exegética do texto, é importante identificar também alguns indícios literários, como, por exemplo, determinadas palavras repetidas, ou que tenham um certo sinónimo. Aqui falamos de verbos, substantivos, adjetivos, partículas, frases, etc., que vêm usados repetidas vezes em vários versículos, dando assim uma certa ênfase e um significado teológico ao texto que estamos a interpretar.

2.1 Indícios literários em Mt 26,36-46

Assim, no v.36 Jesus diz que se distancia para orar. Esta atitude de afastar-se para orar é frequente em Jesus. O v.38 usa um verbo sinónimo: vigiai. Mas no v.39 aparece o verbo orar no gerúndio: “caiu com a face por terra, orando e dizendo”. No v.40, encontrando os discípulos a dormir, dirige-Se a Pedro, usando o verbo vigiar, como sinónimo, mais uma vez, do verbo orar. Ao passo que, no v.41 Jesus usa juntos os dois verbos, para enfatizar a necessidade da oração, e o perigo que se espreita: vigiai e orai para não cairdes em tentação.

Os discípulos devem orar porque podem correr o risco de se afastar do mestre, pela situação trágica que Ele estava a viver. Não obstante tudo, devem vigiar e orar para que se mantenham na fidelidade. Daí a insistência do mestre em relação aos discípulos, pois o momento que se avizinha é muito delicado: o da tentação. No v.42 aparece, pela segunda vez, uma menção à oração de Jesus: “foi outra vez orar”. O v.44 diz que: “foi de

novo orar pela terceira vez”. Jesus mostra-se modelo de oração e Aquele que, pela oração, sempre esteve unido ao Pai e a quem Este sempre ouvia.

No v.36 Jesus dirige-se aos discípulos. Pede-lhes que fiquem naquele lugar (Getsémani). Este movimento de Jesus, que se encontra a rezar, para os Seus discípulos, que estão a uma certa distância, repete-se em vários passos. Assim, no v.40 Jesus vai ao encontro deles e os encontra a dormir. Por isso, no v.41 ordena-lhes que vigiem e orem, para não caírem em tentação. Temos ainda outro movimento de Jesus no v.43: torna a ir ao encontro deles, e, novamente, encontra-os a dormir. Enquanto o Mestre está com eles, devem vigiar e orar, e não dormir. É o tempo em que os discípulos estão sob os auspícios do Mestre. Chegará a hora em que o Mestre lhes será tirado (cf. 9,14-17; 26,21). Pois, ainda não chegou a sua ‘hora’. Finalmente, no v.45 junta-se aos discípulos, pois se aproxima a hora em que Ele vai ser entregue nas mãos dos pecadores. E no v.46 Jesus e os discípulos põem-se em movimento em direção àquele que O vai entregar. Tal como a dinâmica exegética do texto sugere, esta hora não é a hora legal, cronológica, mas o tempo que o Pai fixou para que ‘tudo se cumprisse’ (cf. 16,21).

Uma outra repetição tem a ver com a figura de Pedro. É mencionado pelo nome no v.37: “Jesus levou consigo Pedro (mais os dois filhos de Zebedeu) e começou a entristecer-Se e a angustiar-Se diante deles”. A figura de Pedro aparece em vários momentos importantes da vida pública de Jesus. Por isso, Mateus menciona-o pelo nome, ao passo que os outros são simplesmente designados como ‘filhos de Zebedeu’. No v.40 aparece outra vez o nome de Pedro, e diz-lhe: “Nem sequer pudeste vigiar uma hora Comigo?”. Esta segunda menção do nome de Pedro tem a ver com os próximos momentos que Pedro mesmo irá enfrentar²⁹. Por isso, Jesus, dirigindo-Se aos discípulos, fala diretamente a Pedro (cf. 26,33-34; 26,69-74).

Temos também uma outra repetição no v.37: aqui Jesus começou a entristecer-Se e angustiar-Se, mas no v.38 Jesus diz aos três que a Sua alma está numa tristeza de morte e pede-lhes que vigiem e orem. Estes três foram os espectadores da transfiguração de Jesus. Portanto, tiveram uma certa preparação, com relação àquilo que havia de acontecer. Agora chegou o momento de não perderem de vista que Aquele Cristo que contemplaram glorioso é o mesmo que verão em agonia³⁰.

Uma outra repetição encontramos-la no v.39: “Meu Pai, se é possível passe de Mim este cálice; mas, não seja como Eu quero, mas, como Tu queres. As mesmas palavras

²⁹. Cf R.FABRIS, *Matteo*, Edizioni Borla, Roma, 1996, p. 34.

³⁰ Cf. *Ibidem*, p. 51.

encontram-se repetidas no v.42: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a Tua vontade”. Este cenário repetiu-o ainda no v.44. Cristo, dirigindo-Se a Deus, trata-O por ‘Pai’. É uma relação filial e profunda. Ele é o único revelador do Pai e que O conhece, por um conhecimento inato (cf. 11,25-30). “Não se faça a Minha vontade, mas a Tua”. Esta vontade Cristo ensinou-a aos discípulos, e Ele mesmo apresenta-Se como modelo do cumprimento da vontade do Pai (cf 6,10).

Uma outra repetição emerge no v.40, na referência ao sono dos discípulos. No v.43 Jesus vai ao encontro dos discípulos e encontra-os a dormir. Entretanto, no v.44 Ele próprio permite que os discípulos durmam. Agora sim, já podem dormir porque chegou a hora. E Jesus o diz: “Dormi agora e descansai” (v.45). “...já se aproxima aquele que Me vai entregar” (v.46). E Judas prepara a traição. Cumprimenta Jesus como “Mestre”, e “amigo”. Jesus rejeita qualquer tipo de violência como meio de evitar o sofrimento. A oração de Jesus, num momento de aflição, sugere quer a relação exclusiva com Deus quer o abandono nas mãos do Pai.

O nome de Getsémani, do hebraico *gath schemanim*, significa lagar de azeite³¹. Era um horto cerrado plantado de oliveiras, situado do lado oriental da torrente de Cédron, perto do Monte das Oliveiras, frente ao templo, cuja muralha externa oriental apenas distava dele alguns cem metros³². O texto é dinamizado pelo drama do sofrimento de Jesus. Ele é o Filho de Deus (como exclamou o centurião), o Messias, o Servo de Jahvé, que passa pela dor, o sofrimento, a angústia, mas que realiza as promessas das Escrituras.

Em Mt 27,45-51 contemplamos Jesus, à volta do qual gira a narrativa e os circunstantes presentes (soldados, crucificados, curiosos...). São estes que assistirão à morte de Jesus e que as Escrituras apresentarão como testemunhas da Sua partida para o Pai. Falando da circunstância do texto, aqui temos a Morte de Jesus. Os versículos precedentes falaram-nos da Sua paixão. O v.45 fala-nos do quadro em que tudo aconteceu: da hora sexta à hora nona. Este indicativo de tempo é importante para situar os eventos que tiveram lugar. Vem ainda indicado outro elemento: as trevas. O rasgar-se do véu do templo, outra referência importante, tem a ver com o antigo e o novo culto, tema que será desenvolvido na Carta aos Hebreus (cf. 8-9). O tremer da terra e o fender-se das rochas é próprio das teofanias do A.T. Portanto, estes sinais cósmicos, unidos às

³¹ Cf. AA VV, *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento I*, Ed, Catolica, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1964, p. 284.

³² Cf. *Ibidem*.

teofanias veterotestamentárias (cf. Ex 19,16-20; 20,18-21; Job 37,1-5), revelam a divindade de Jesus.

Nesta perícopre, aparecem algumas repetições, que importa realçar. No v.45 fala-se da hora nona. A mesma menção encontramos-la no v.46: “Era por volta da hora nona”. O v.46 reporta o brado de Jesus “Eli, Eli lemah sabácthani”; um grito que os presentes parecem confundir com uma alusão a Elias (v.47). E o mesmo equívoco encontramos-lo no v.49. Há um clamar forte no v.46 que se repete no v.50, mas aqui Jesus expira. O equívoco entre Eli e Elias, que precede a morte de Jesus, não é em vão, pois tem um significado teológico: Elias é uma figura muito conhecida na tradição no AT e, assim, em Jesus se cumpriam as promessas do AT.

A paixão, morte e ressurreição de Jesus são um caminho, que segue um crescendo na atividade pública de Jesus. Mateus apresenta Cristo, no início do seu Evangelho, como o Messias, filho David, filho de Abraão (cf 1,1). A menção de David e de Abraão tem um alcance teológico muito forte. O Cristo, o Ungido, é o Messias, o Servo de Yhawah³³. Por isso, esta perícopre está no contexto global do Evangelho de Mateus, isto é, que o Messias tinha que sofrer muito, ser desprezado, morrer, e ressuscitar ao terceiro dia, como sobre Ele estava escrito (cf Mt 20,17-19).

2.2 Indícios literários em Mc 14,32-42

As circunstâncias que estão no centro da narrativa têm a ver com um lugar: o Getsémani. Aqui Jesus encontra-se com os Seus discípulos, à espera da ‘hora’. O ambiente é de angústia, pavor e tristeza de morte (cf vv.33-34).

As palavras e expressões que mais recorrem na perícopre emergem no v.32, na alusão a Jesus que se retira para orar, como de costume. Dada a Sua tristeza, pela morte que se avizinha, Jesus diz aos discípulos que vigiem, pois será um momento crucial na vida do Mestre e no futuro dos discípulos. Por isso, no v.34 ordena: “vigiai”. O v.35 reporta um momento difícil para a pessoa de Jesus: caiu por terra e orou, para que passasse o cálice, isto é, a morte. Por dura que seja, Jesus deve enfrentá-la, segundo o desígnio do Pai.

No v.37 Jesus vai ter com os discípulos, encontra-os a dormir, mas dirige-Se a Pedro, que não foi capaz de vigiar. O dirigir-Se especificamente a Pedro tem a sua

³³ Christian DUQUOD, *Cristologia- Ensayo Dogmatico*, 2ª ed, Sigueme, Salamanca, 1971, pp. 229-234.

relevância, pois este será um dos personagens principais na sua captura, prisão e consequente condenação. O leitor aqui é advertido de que Pedro, que não foi capaz de orar, compreenderá melhor a sua fraqueza, aquando da sua negação. Jesus conhece os Seus discípulos. Por isso, insiste na oração. Sabe que o espírito pode estar pronto para enfrentar qualquer situação, mas a carne nem sempre está à altura de corresponder.

Daí a Sua admoestação no v.38: “vigiai e orai”. O v.39 apresenta de novo o afastar-se de Jesus para orar, e aqui Ele repete o que disse no v.35: “que passasse o cálice”. Mas neste versículo, o texto de Marcos não reporta a segunda parte da frase que aparece no texto de Mt: “mas não se faça a Minha vontade, mas a Tua”. O texto de Marcos apresenta um Cristo que vai em direção à morte com toda a sua dramaticidade e encara a realidade de maneira radical. É uma constante no Evangelho de Marcos apresentar Jesus desta maneira. Dado o seu carácter divino, Marcos, logo no versículo seguinte mostra como Cristo, apesar do drama que enfrenta, é fiel ao Pai, cumprimento a Sua vontade. Por isso, o cálice e a vontade do Pai estão em conexão com o cumprimento de quanto está escrito a Seu respeito. Cristo orante e cumpridor da vontade do Pai são imagens vivas para a fé dos discípulos. Assim, no v.42 ordena que se levantem para irem ao encontro daquele que O ia entregar.

2.3 Indícios literários em Lc 22,39-46

O texto de Lc sobre a morte de Jesus é linear: a descrição é modesta, cuidada e objectiva. Por isso, Lucas não repete expressões ou palavras, porque coloca a morte num contexto de fé e de serenidade: pelas expressões, pode-se perceber isto: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (v.45); vendo o sucedido, o centurião dá glória a Deus (cf v.47); e a multidão, que regressava do espectáculo, batia no peito (cf v.48).

O contexto global da narrativa é aquele em que Lucas insere a sua perícopa no ministério apostólico de Jesus, em geral. Lucas sempre apresentou um Cristo misericordioso e Bom (cf v.10,25-37; 6,33; 18,19). Por isso, expira com serenidade, o centurião considera-O ‘Justo’, isto é, o Manso, e a multidão que assistiu à Sua morte torna aos povoados batendo-se no peito, significando com isto que o perdão universal tinha chegado com a morte e ressurreição de Jesus³⁴.

³⁴ Cf. Cf. AAVV, *LA BIBBIA PIEMME*, op. cit., p. 45.

3. Unidades de Sentido e Significados

3.1 λέγω/ εἶπω

Nas quatro narrativas, aparecem dois verbos usados como sinónimos para introduzir o discurso de Jesus, usando o discurso indireto livre. Estes verbos *καὶ λέγει / εἶπεν* (disse / falou) servem de ligação e de rutura ao mesmo tempo. Ligação entre os elementos da frase e rutura porque cessa o tempo do narrador e toma a palavra o protagonista da ação: Jesus. A expressão *καὶ λέγει* é usada por Mt e Mc. Não usam o aoristo grego, mas apresentam o pretérito imperfeito precedido pelo *καὶ λέγει* (e disse) significando uma acção concluída. Ao passo que Lc prefere o *εἶπεν αὐτοῖς* (disse-lhes). O pronome parece reforçar e especificar os destinatários do dito de Jesus (discípulos), permitindo que entre verbo dizer e falar, o verbo dizer tenha maior expressividade.

3.2 αὐτοὺς καθεύδοντας

Em todas as narrações é evidente a frequência do verbo dormir. Os discípulos estão a dormir. Não se apercebem da gravidade do momento que se aproxima. Em Mc 14,37 o senhor dirige-se somente a Pedro que prometera fidelidade ao senhor *λέγει τῷ Πέτρῳ· Σίμων, καθεύδεις;* (disse a Pedro: «Simão, dormes?). É evidente o protagonismo de Pedro entre os discípulos. É ele quem prometeu seguir o Mestre até à morte e quem se prepara para enfrentar o momento forte da vida. O movimento constante do Mestre em direção aos discípulos, revela o primeiro passo do abandono. Depois de uma insistência à vigiância, é o Mestre quem convida ao descanso e imediatamente pede que se levantem porque tinha chegado o momento³⁵.

3.3 τὸ μὲν πνεῦμα πρόθυμον ἢ δὲ σὰρξ ἀσθενής

O espírito está pronto, mas a carne é fraca (Mc 14,38;Lc 24,39; Jo 3,6 Mt26,41³⁶. O campo semântico “corpo de Jesus” é dominado por três vocábulos: σωμα (corpo), σὰρξ

³⁵ Em toda a Bíblia, começando em Gn 2,7 “ carne” não é o mesmo que corpo, mas refere-se a toda pessoa, incluindo a fraqueza humana, sujeita à doença, acidentes, morte, tentação, pecado; “ A Palavra fez-se carne” significa a Palavra fez-se homem, Jesus Cristo, com toda a debilidade humana, exceto no pecado. Porém, a intenção comunicativa assenta na presença das duas naturezas em Jesus: a Humana e a Divina [Cf. AAVV, *The Collegeville Bible Commentary - Based on The New American Bible, New Testament*, Robert J. Karris (General Editor), The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1988, pp 27-34].

³⁶ Cf. AAVV, *The Collegeville Bible Commentary - Based on The New American Bible, New Testament*, Robert J. Karris (General Editor), The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1988, pp. 27-34.

(carne) e αιμα (sangue)³⁷. O termo σωμα aparece quase sempre em contexto de morte e ressurreição e referindo-se quase exclusivamente a Jesus, ao passo que os outros dois aparecem em diversas ocasiões de sacrifícios. O sangue, muitas vezes, aparece como sinónimo de vida.

O suor de sangue referido em Lc 22,44 é único, aludindo a que Jesus entrou em agonia já no Getsémani e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra. O autor bíblico alude a este facto com grande precisão. O suor de sangue, ou " hematidrose", é um fenómeno raríssimo. É produzido em condições excepcionais: para o provocar é necessário uma fraqueza física, acompanhada de um abatimento moral violento causado por uma profunda emoção, por um grande medo. O terror, o susto, a angústia terrível de sentir-se carregando todos os pecados dos homens devem ter esmagado Jesus. Tal tensão extrema produz o rompimento das finíssimas veias capilares que estão sob as glândulas sudoríparas, o sangue mistura-se com o suor e se concentra sobre a pele, e, então, escorre por todo o corpo até à terra. Hoje, quase dois mil anos depois, os médicos ainda discutem esta questão, sobretudo a capacidade de o autor bíblico recolher estes dados ínfimos e quase insignificantes, mas cheio de sentido, para se compreender a agonia de Jesus, que constitui o centro de toda a abordagem, perante a crucifixão e morte de Jesus.

3.4 ηλι ηλι λεμα σαβαθθανι

Os textos de Mt 27,46 e Mc 15,34 apresentam duas formas da mesma expressão de Jesus. Em Mateus encontramos a forma Eli e em Marcos encontramos a forma *Eloi*. Os estudiosos dizem não haver diferenças substanciais na expressão em hebraico e em aramaico. Pelo que é passível de confusão com Elias para quem não entende suficientemente a língua (Mt 27,47; Mc 15,35). Porém, Marcos, como escreve em grego, tinha a necessidade de traduzir e aproximar ao máximo para a compreensão dos seus destinatários e usa o original hebraico. Ao passo que Mt que, provavelmente, escreve em aramaico teria maior possibilidade de compreensão e quer corresponder à confusão que aparece no versículo seguinte, prefere *Elii* que é um arameísmo com raiz hebraica³⁸. Mas

³⁷ Cf. M.J. RODRIGUES de SOUSA, *Para que também vós acrediteis, Estudo Exegético-Teológico de Jo 19,31-37*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009, p.136.

³⁸ Cf. Cf. AAVV, *The Colledgeville Bible Commentary*, op. cit, p. 25.

em tudo isto o importante é que as duas formas conservam a evocação de Deus, a quem o Filho se dirige em súplica.³⁹

As trevas estão descritas em termos simples e precisos. Começam na hora sexta, é dizer, ao meio dia e estendem-se sobre todo país até à hora nona. Por toda a terra se entende mais por toda a Judeia que toda a terra em geral. Um eclipse é impossível no tempo da lua cheia, para o Evangelista trata-se, sem dúvida, de um eclipse sobrenatural⁴⁰. As vestes- Jo refere que «quando crucificaram Jesus» os soldados tomaram as suas vestes (τα ιματια) e delas fizeram quatro partes uma para cada um. A divisão encontra paralelo no sinóticos (Mt 27, 35; Mc 15,24; Lc 23, 24). Na Bíblia a veste tem um simbolismo concreto: ela é expressão da pessoa e do seu interior. As quatro partes representam os quatro pontos cardeais, para simbolizar a universalidade da salvação que advém da morte e ressurreição de Jesus, enquanto o manto de púrpura representa a sua realeza⁴¹.

4. Circunstâncias globais de sentido das diversas narrativas

Na hora da morte de Jesus, Mc 14,32-42 coloca Jesus, como o centro da narrativa e confirma pela voz de um centurião ao vê-Lo expirar, a Sua divindade: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (v.34). Estabelecendo uma ponte teológica com o início do seu texto de Evangelho, Marcos apresenta Cristo como Filho de Deus (1,1). Logo a seguir cita um passo de Isaías, para significar que toda a marcha de Jesus terá como cunho a justificação da sua divindade (1,2), sugerindo que N’Ele se cumprem as Escrituras. As circunstâncias que envolvem a narrativa prendem-se com a morte de Jesus (v.33): da hora sexta à hora nona. O texto diz que houve trevas, numa alusão ao “dia do Senhor”, expressão que encontramos já no AT (cf. Am 8,9; Jl 2,10).

Existem algumas palavras e verbos repetidos, que são dignos de realce: “hora nona” e a referência “exclamou em alta voz” (v.34), de que encontramos um eco no v.37: “Soltando um grande brado”. O v.35 reporta ideias confusas da parte dos presentes quanto à compreensão das palavras de Jesus (vv.35-36). O autor bíblico reporta as palavras de Jesus na forma aramaica, citando alguns trechos do Sl 22. O leitor compreende que não

³⁹ Outros sustentam que Mt troca Eloí por Eli porque Eli estaria mais próximo da confusão com Elias que se descreve no versículo seguinte Cf. AA VV, *La Sagrada Escritura*, Nuevo Testamento I, op. Cit, p. 477.

⁴⁰ Cf. Idem.

⁴¹ Cf. Cf. Mário José Rodrigue de SOUSA, *Para Que Também Vós Acrediteis, Estudo Exegético-Teológico de Jo 19,31-37*, op. cit, p. 149.

se trata de abandono da parte de Deus, como, aliás, o SI nos dá a entender, mas de se ter chegado ao cúmulo da dor, permitindo que as Escrituras encontrem o seu ápice na vida e na morte de Cristo. Em suma, o modo como o autor narra os acontecimentos permite estabelecer um laço entre o expirar de Jesus e a confissão do centurião de que Jesus é o “Filho de Deus”⁴².

No texto de Lc 22,39-46, a agonia de Jesus circunscreve-se ao monte das Oliveiras; lugar onde Jesus se dirigira muitas vezes com os Seus discípulos. Para o autor bíblico, o monte tem um significado simbólico muito importante no seu texto de Evangelho (cf 6,1; 9,28). A angústia envolve o ambiente, porém, ele sublinha que não falta a Jesus o conforto, que Lhe vem de um anjo (cf vv.43.44). Entre as palavras que mais recorrem na perícopa, encontramos no v.40 o apelo de Jesus: orai para não cairdes em tentação. Trata-se de um ambiente que podia levar os discípulos a perder a fé no Mestre. A oração seria a única porta de saída para não se entrar na tentação. No v.41 Jesus põe-se de joelhos a orar. No v.44, no meio da angústia ainda continua a orar. Depois de ter orado, no v.45, torna aos discípulos e encontra-os a dormir. Repete o mesmo apelo, no v.46, de orar para não caírem em tentação. E a perícopa fecha-se com o apelo à oração, uma constante na vida de Jesus. E Lucas enfatiza este elemento, falando de Jesus que se põe de joelhos para orar. Atitude de súplica ao Pai para enfrentar o drama, é um de um grande orante⁴³. Em suma, o autor engloba a sua narração da paixão num contexto de angústia, de agitação interior, tendo plena consciência do que espera Jesus. Isto confirma-se pelo modo como Lucas descreve o gesto de oração de Jesus (ora de joelhos), e pela expressão ‘Pai, se possível passe (Lc.22,42) e não se refere aos que O vêm buscar. Mas a expressão “O espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Lc 22,43-46), revela está luta interior.

Ainda em Lc 23,44-49, entre os personagens, descrevem-se o próprio Jesus, que se encontra na cruz (v.46), o centurião, que O confessa inocente (v.47), a multidão que O acompanhou ao local (v.48), os Seus conhecidos e as mulheres que O acompanhavam (v.49). A circunstância é a morte de Jesus (v.46) com tudo o que anda à volta: as trevas que cobriam a terra, o sol que se havia eclipsado e o rasgar-se do véu do Templo (vv.44-45). São todos elementos que releem as Escrituras, nomeadamente as profecias de Joel, sobre “o dia do Senhor” (Jl 2,10), os três dias de trevas no Egipto (Ex 10,22) e sobre o dia que se converte em trevas, sem a preocupação de Deus (Jb3,4).

⁴² Cf. AA VV, *COMMENTO DELLA BIBBIA LITURGICA*, trad. Luigi Rolfo, Edizioni Paoline, Roma, 1981, p 221.

⁴³ Cf. AAVV, *LA BIBBIA PIEMME*, trad. Vito Mancuso e Paolo Pellizzari, Edit. Casal Monferrato (AL), Borgaro Torinese (TO), 2005, p. 43.

A narração sobre as circunstâncias da prisão de Jesus é muito lacónica no texto de Jo 18,1-2 pois este dá prioridade aos eventos que seguem. Jesus encontra-Se então no horto. O texto é curto, como dissemos, e por isso mesmo há poucas palavras repetidas, a não ser: no v.1 menciona-se Jesus e os discípulos que entram no horto. Menciona-se ainda Jesus e os Seus discípulos no v.2, falando-se de Judas, que conhecia bem o lugar, pois Jesus frequentes vezes aí se encontrava com eles. A cena é lapidar, mas é interessante a introdução de um personagem que vem furtivamente mencionado, e que será aquele que vai entregar o Mestre. A sua menção, já neste versículo, tem o seu alcance teológico, na medida em que João o apresenta como aquele que O trai, e Jesus caminha para a Sua paixão com plena consciência e serenidade.

O autor bíblico contenta-se em dar informações geográficas precisas. Omite a oração, a tristeza, os que O prendem. Apresenta um Cristo muito transcendente, que é próprio da sua teologia. Por isso, para João, Jesus veio para cumprir a vontade de Deus até à morte, para que n'Ele o Pai fosse glorificado. Em Jo 19,28-30 apresenta-se Jesus e os Seus verdugos (v.28), mostrando um Jesus pronto a enfrentar este momento da vida. A narrativa relata a morte de Jesus. Toda a cena é narrada num clima de plena consciência da parte de Jesus. Estes, apressam-se a saciar a sede de Jesus, sugerindo a linha do cumprimento das Escrituras (cf. Sl 69,22). No v.28 Jesus sabe que tudo está consumado, com a sua morte se cumprem as Escrituras. Por isso, no v.29 dão-Lhe vinagre a beber, aludindo assim a um passo do AT (cf. Ex 12,21-23). A expressão do v.30, “tudo está consumado”, indica que Jesus entregou tudo nas mãos do Pai, apresentando a morte e ressurreição de Cristo como a plenitude das Escrituras. Ele, Jesus, bem sabia que, com a cruz, tudo estava consumado. E com a ressurreição tudo renasceu.

Os textos acima referenciados, apresentam-nos, em comum, dois momentos complementares: a agonia de Jesus, expressa no contacto de Jesus com o Pai na oração em Getsémani (Mt 26,36-46; Mc14,32-42; Lc 22,39-46; Jo 18,1-2) e a morte de Jesus na Cruz, precedida pelo seu grito: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46; Mc 15,34; Lc 23,44-49; Jo 19,28-30). Jesus gritou pouco antes de morrer na cruz. Afastado dos discípulos como um lance de pedra (Lc 22,41) caiu primeiro de rosto por terra e depois prostrou-se para mostrar sua profunda reverencia ao Pai e a espantosa amargura que perpassava o seu coração Nesta atitude humilde começa a sua oração, que nos revela a angústia mortal que atormentava a alma de Cristo. Na sua oração distinguimos duas partes: na primeira expressa a repugnância perante os tormentos da

paixão. Por isso, pergunta se é possível que se afaste dele este tão amargo cálice. Na segunda parte, explicitamente manifesta ao Pai o desejo de sua vontade deliberada e absoluta de que se cumpra a vontade do Pai”⁴⁴. Esta luta entre a dimensão inferior e superior da vontade de Cristo é uma prova de que manifesta a verdadeira natureza humana com todas as suas debilidades, excepto o pecado e todas as desordens morais que dele procedem. O pedido ao Pai que o livre dos tormentos da paixão é prova evidente da coexistência das duas naturezas: a humana e a divina.

Depois desta primeira oração, volta para os discípulos para encontrar companhia. Mas eles todos dormem, por isso se dirige-se apenas a Pedro que tinha dado provas de seguir o Mestre até à morte, que também estava a dormir e convida-os à oração. Mas a segunda oração é já diferente na forma, porque expressa a sua absoluta conformidade com a vontade do Pai. Apenas em Mt 26,36-46 se faz referência à terceira oração, que os outros apenas supõem. A oração constante e súplica prolongada e repetida era uma mostra dos sofrimentos internos que estava padecendo o coração de Cristo e da repugnância que sua vontade natural para abraçar todos os tormentos da paixão. A veemência destas dores internas é descrita de uma maneira particular em Lc 22,24ss, na cena da aparição do Anjo e do suor de sangue.

Nos três tribunais dos príncipes dos sacerdotes, de Pilatos e de Caifás, Jesus é acusado de blasfémia e responsável pela amotinação do povo e pela perversão social⁴⁵. No Jardim, quando os guardas se aproximam para o prender, como se fosse um ladrão, ele reage dizendo: “Tudo isto acontece para se cumprir as escrituras dos profetas” (Mt 26,56).

Podemos entrever um paralelismo desejoso entre a paixão de Jesus na Cruz e o drama vivido pelo Justo de quem se fala no Sl 22:

- Como Jesus na Cruz (Mt 27,46) também este homem dirige ao Senhor o seu grito: Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste? (Sl 22,2).

Este grito provoca perplexidade e pode parecer que a fé de Jesus não é tão sólida. Mas não é isso. Na hora da dificuldade, Jesus reza ao Pai. A frase de Jesus não é um grito de desespero, mas é uma oração. De facto as palavras de Cristo são tomadas do Salmo 22, a oração que caracteriza os sofrimentos e a esperança do justo:

⁴⁴ Cf. AAVV, *LA BIBBIA PIEMME*, trad. Vito Mancuso e Paolo Pellizzari, Edit. Casal Monferrato (AL), Borgaro Torinese (TO), 2005, p. 285.

⁴⁵ Cf. AA VV, *La Sagrada Escritura*, Nuevo Testamento I, op. Cit, pp 290 – 292.

2. Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste,
rejeitando o meu lamento,
apesar do meu grito de socorro?
3. Meu Deus, eu grito de dia, e não me respondes;
de noite, e nunca tenho descanso.

Mas Deus não pode desmentir-se, e eis então que a oração volta a descrever a situação penosa do orante, para induzir o Senhor a ter piedade e a intervir, como sempre tinha feito no passado⁴⁶. O Salmista define-se «um verme, não um homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe» (Sl 22,7), é escarnecido, zombado (cf. Sl 22,8) e ferido precisamente na fé: «Confiou no Senhor, que Ele o livre, que o salve, se o ama» (v. 9), dizem. Sob os golpes ultrajantes da ironia e do desprezo, parece quase que o perseguido perde as suas conotações humanas, como o Servo sofredor delineado no Livro de Isaías (cf. Is 52, 14; 53, 2b-3). E como o justo oprimido, de Sb 2,12-20, ou como Jesus no Calvário (Mt 27, 39-43), o Salmista vê posta em dúvida a própria relação com o seu Senhor, na evidência cruel e sarcástica daquilo que o faz sofrer: o silêncio de Deus, a sua aparente ausência. Agora, a lamentação torna-se uma súplica intensa: «Não vos afasteis de mim, porque estou atribulado; não há quem me ajude» (Sl 22, 12). Os diversos textos de Evangelho descrevem a oração de Jesus, pondo na sua boca as primeiras palavras da oração que Jesus faz. Ele sabe de cor o Sl 22 e, no momento de angústia, reza-o todo. Não é uma oração desesperada. É, sim, um grito de angústia real, mas a oração é marcada pela certeza jubilosa do triunfo final: sim, só diante dele todos os poderosos da terra se prostrarão. Perante ele se curvarão todos os que descem ao pó; e por quem não vive mais, sua descendência o servirá e anunciará o Senhor às gerações que virão, cantando a sua justiça ao povo que vai nascer: eis sua obra!

Jesus transmite esperança a quem sofre. A dor de Cristo é solidariedade com quem sofre. Na sua humanidade, abraça a dor e acolhe o sofredor, mostrando-lhe a esperança. Diante da oração, da dor do sofredor que chama incessantemente parece que Deus se cala. Deus parece tão distante, tão ausente. A oração busca um conforto, um contacto, uma salvação. Muitas vezes o grito de ajuda perde-se no vazio e a solidão aumenta. Em Jesus,

⁴⁶ AAVV, *Comentario Al Nuevo Testamento, casa de la Biblia, Seguime*, Salamanca, 1995, p. 255.

o grito é um acto de confiança e fé extremas: Jesus sabe que Deus não abandona o sofredor e essa mensagem proclama para todos aqueles que sofrem.⁴⁷

Ele manifesta toda a desolação do Messias, Filho de Deus, que enfrenta o drama da morte, uma realidade totalmente oposta ao Senhor da vida. Abandonado por quase todos os seus, traído e renegado pelos discípulos, circundado por quantos o insultam, Jesus encontra-se sob o peso esmagador de uma missão que deve passar pela humilhação e o aniquilamento mas que desembocaria na glorificação. Por isso, clama ao Pai, e o seu sofrimento assume as palavras dolorosas do Salmo 22. Mas o seu grito não é desesperado, como o do Salmista, que na sua súplica percorre um caminho atormentado, mas que no final acaba numa perspectiva de louvor, na confiança da vitória divina. E dado que no uso hebraico citar o início de um Salmo implicava uma referência ao poema inteiro, a prece dilacerante de Jesus, embora mantenha a sua carga de sofrimento indizível, abre-se à certeza da glória. «Não tinha o Messias de sofrer estas coisas para entrar na sua glória?», dirá o Ressuscitado aos discípulos de Emaús (Lc 24, 26). Na sua paixão, em obediência ao Pai, o Senhor Jesus atravessa o abandono e a morte para alcançar a vida e para a doar a todos os fiéis⁴⁸. Todos os Evangelhos põem em relevo o abandono de Jesus, mas é sobretudo Marcos que evidencia a solidão de Jesus na hora decisiva da paixão. Lendo os outros evangelhos há sempre alguém que está ao lado de Jesus ou assume uma posição a seu processo (Jo 18, 15; Mt 27,19), uma grande multidão e um grupo de mulheres ao lado do caminho em direção ao Calvário (Lc 23,27-31); a mãe, o discípulo predileto, algumas amigas, o bom ladrão (Jo 19, 28; Lc 23,40).

Em Mc 14,32-42 não há mesmo pessoa alguma: Jesus é traído pela multidão que prefere Barrabás a Ele; é ridicularizado, espancado e humilhado pelos soldados; é insultado pelos transeuntes e pelos chefes do povo presentes no momento da sua crucificação. À sua volta só as trevas. Só no final, depois de relatada a sua morte, é que aparece a nota: “Estavam também ali umas mulheres a observar de longe” (Mc 15, 40-41).

Completamente só, Jesus experimentou a angústia de quem, mesmo se certo de estar empenhando numa causa justa, se sente derrotado: O seu grito: “Meu Deus, Meu Deus porque me abandonaste” (Mc15, 34) parece escandaloso, mas exprime o seu drama interior. No momento da morte, Ele fez a experiência da impotência, do fracasso na luta

⁴⁷ Numa das suas audiências, o Papa Bento XVI corrobora com a ideia segundo a qual, o clamor inicial do Salmo, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”, é citado pelos Evangelhos de Mateus e de Marcos como o grito lançado por Jesus agonizante na Cruz (cf. Mt 27, 46; Mc 15, 34).

⁴⁸ Cf. BENTO XVI, PP, *Paixão* - audiência geral, Sala Paulo VI, Quarta-feira, 14 de Setembro de 2011.

contra a injustiça, contra a mentira e a opressão exercida pelo poder religioso e político. Para dizer que quem se empenha a viver coerentemente a própria fé, deve ter em conta que no momento crucial, será deixado só, poderá ser traído pelos amigos, rejeitado pela família e sentir-se abandonado por Deus e poderá perguntar-se se valerá apenas sofrer tanto, para depois terminar na derrota. Neste momento poderá também lançar o seu grito Pai. Mas para não cair no desespero, poderá gritar com Jesus⁴⁹.

Enquanto, Mt 26,36-46 sublinha muito o tema da salvação universal e Mc 14,32-42 insiste nas reações muito humanas de Jesus, os outros textos evitam apresentar um Jesus abalado e sofredor, sobretudo o de Jo 18,1-2.

O Deus que ao Salmista parece tão distante é o Senhor misericordioso que Israel sempre experimentou na sua história. O povo ao qual o orante pertence foi objeto do amor de Deus e pode dar testemunho da sua fidelidade⁵⁰. O desafio que aos pés da cruz é lançando a Jesus por sacerdotes, escribas e anciãos: “Salvou-os e não pode salvar-se a si mesmo! Se é o rei de Israel desça da cruz e acreditaremos n’Ele” (Mt 27, 40), deve ser entendido nesta ótica. Estão dispostos a acreditar em quem vence, não em quem perde.

Aos judeus e a todos aqueles que também hoje se escandalizam com um Messias derrotado, Mateus responde: as profecias do AT anunciam um Messias humilhado, perseguido, perseguido e morto; apresentam-nos como companheiro de cada pessoa sofredora e oprimida, que Job já encarnará no AT (Jb 3). Deus não salvou milagrosamente Cristo de uma situação difícil, não pediu a injustiça e a morte do Filho, mas transformou a sua derrota em vitória, a sua morte em nascimento, o seu túmulo em seio do qual nasceu para a vida sem fim. N’Ele, Deus mostrou-nos que não vence o mal impedindo-o com intervenções prodigiosas, mas tirando-lhe o poder de fazer mal; mas ainda, tornando-o um momento de crescimento para a pessoa. E ali reside toda a esperança.

Mesmo guiados e iluminados pelas Escrituras, como sugere Mt 26,36-46, é difícil assimilar esta lógica divina; é difícil aceitar que “se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer fica só; se morrer dá muito fruto” (Jo 12,24). O projeto salvífico de Deus é assumido por Jesus e valeu-lhe o preço do derramamento do seu sangue na cruz. Estando em pé de igualdade com Deus (Fl 2,6), esvaziou-Se a si mesmo, assumindo corpo

⁴⁹ -Cf. AAVV, *Comentario Al Nuevo Testamento*, op.cit, p. 259.

⁵⁰ . A começar pelos Patriarcas, e depois no Egito e durante a longa peregrinação pelo deserto, na permanência na terra prometida em contacto com populações agressivas e inimigas, até ao obscurecimento do exílio, toda a história bíblica foi uma história de clamores de ajuda da parte do povo e de respostas salvíficas da parte de Deus. E o Salmista faz referência à fé inabalável dos seus Pais, que «confiaram» — esta palavra é repetida três vezes — sem jamais permanecer confundidos. Agora, no entanto, parece que esta série de invocações confiantes e de respostas divinas se interrompeu; a situação do Salmista parece desmentir toda a história da salvação, tornando ainda mais dolorosa a realidade presente.

humano, apresentando-Se ao mundo como servo (Fl 2,7) por livre vontade⁵¹. Enquanto servo, é obediente até a morte mais ignominiosa, a crucifixão (Fl 2,8). Tal é o projeto de Jesus assumido conscientemente. Isto soava como blasfêmia para os judeus e loucura para os gregos (1Cor 1,23), mas para os cristãos, a humanização de Deus realiza-se no projeto de Jesus, servo obediente, é o maior alento e desafio para a realização do plenamente humano. Jesus é a assim o realizador do projeto humano-divino. A sua radicalidade e fidelidade dão-lhe o nome de Jesus o Senhor.

⁵¹ Cf. Ernest KASEMANN, *Jesus Cristo É Liberdade*, trad. J. Sousa Monteiro, Livraria Telos, Porto, 1968, p. 21.

Capítulo II - O testemunho textual do AT: Jb 3,1-26

Neste capítulo estudaremos os aspectos literários e semânticos, as circunstâncias específicas e globais de Jb 3,1-26, capazes de oferecer uma releitura intertextual, dentro dos parâmetros estabelecidos pela dinâmica da intertextualidade científica. Tal como fizemos com o testemunho textual do NT, ocorre uma apresentação do texto de Jb 3,1-26:

<p>Jb 3:1 פ 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26</p>	<p>3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26</p>
<p>Jb 3:1 פ 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26</p>	<p>3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26</p>

5. Aspetos literários relevantes (personagens, semântica)

Jb 3,1-26 é protagonizado pelo personagem que dá nome ao Livro. Este personagem viveu, hipoteticamente, na região de Huz, na Transjordânia, nos confins da Idumeia, e da Arábia: “Era um filho do Oriente», também conhecido pelos seus sábios. De Job não se sabe tanto fora daquilo que o prólogo nos apresenta. «Era um homem íntegro e recto, que temia a Deus e se afastava do mal. Tinha sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quintas juntas de bois, quinhentas jumentas e uma grande quantidade de escravos. Este homem era o mais importante de todo o Oriente” (Jo 1,1-3). Aliás, é de lá que chegam os três amigos de Job⁵² O autor do *Livro de Job* é nominalmente desconhecido. É, todavia, alguém ou uma escola que conhecia as leis mosaicas e estava habituado a tratar familiarmente com Deus. As várias partes do livro teriam constituído unidades literárias independentes, como no-lo sugerem a redação em prosa do Prólogo e do Epílogo, em contraste com a redação em verso dos Diálogos, e diversidade dos nomes divinos: Jahweh, El, Eloah, Shaday. A inspiração não se opõe a esta composição independente. De facto a forma de nomear o mesmo Deus no mesmo livro não é uniforme.

5.1 O personagem Job

O autor sagrado começa por apresentar um Job próspero, tratado como rico e piedoso, o que revela o ideal da existência humana. Mas como diz a Carta aos Hebreus sobre Jesus Cristo (cf. Hb 5,8) Job teve de aprender uma grande lição através do sofrimento. Apenas no fim ele pode classificar-se como pessoa madura e completa, tornando-se um modelo para os outros.

Em Jb 1,12-22 Deus permite que Job sofra. Aceita o desafio de Satan, partilhando a responsabilidade pelo que irá acontecer a Job. Nesta base, a questão já não é só se a piedade de Job é gratuita, mas também a atitude de Deus. Quem é este Deus que permite o sofrimento do inocente? Que género de Deus é este da experiência de Israel? Que género de Deus é entendido por Job? A resposta a estas questões deve ser compreendida no final do Livro, quando Deus intervém, falando em primeira pessoa. Perante essa sucessão de infortúnios, Job debate com os amigos que o foram consolar e questiona a justiça divina e chega a mostrar-se rebelde a Deus. Todavia, Deus aparece-lhe e expõe-lhe a mediocridade da condição humana e a arrogância do ser humano ao querer entender e

⁵² Victor, CIVITA- António CHARNEIRA, *A Bíblia - Antigo e Novo Testamento*, trad. Joaquim Salvador, Vol. IV, Ed. Abril, S. Paulo, 1996, p. 5.

julgar os seus desígnios. Job compreende e pede perdão ao Senhor que lhe restitui a saúde, a fortuna e outros filhos. A qualidade de ser paciente, a proverbial paciência de Job, decorre de seus pacientes, mas inúteis, esforços para convencer os amigos que não havia cometido os pecados que eles lhe imputavam, os quais, seriam o motivo de sua desgraça.⁵³

Ao contrário de Abraão (Gn 11,26-29), Job é apresentado sem uma linha ancestral ou genealógica. Logo é representante de todos aqueles que sofrem inocentemente, visto ele ser tido como inocente (uma pessoa íntegra), justo (fiel aos Mandamentos de Deus), e alguém que teme a Deus e evita o mal (cheio de respeito e de veneração a Deus). Temer a Deus é a base da verdadeira sabedoria (cf 28,28; Pr 1,7;9,10). A família de Job é mais que ideal, visto que ele tem não apenas sete filhos (1 Sm 2,5; Rt 4,15) mas também três filhas. As suas posses são abundantes e a menção que se faz de camelos revela que é uma pessoa de alto estatuto. Tudo isto são sinais da graça de Deus.

O seu *habitat* é o dos Patriarcas como se depreende da vida, do Exercício do Exercício do Sacerdócio, dos costumes familiares e das riquezas que possuía. A tradição bíblica conhece um personagem com este nome, «justo e dos tempos antigos» (Ez. 14.14-20). Enquanto chefe de família, Job é também responsável pelo culto⁵⁴. A tradição conservou a memória deste homem justo, que soube suportar, com insólita virtude e fidelidade a Deus, todas as provas que a vida lhe reservara. Enquanto o protagonista é dos tempos patriarcais do Antigo Oriente, os autores do livro provêm, no pensar comum dos estudiosos de hoje, de várias épocas⁵⁵. Apesar de referências a Deus, o protagonismo do terceiro capítulo é assumido por Job, a figura central que desenrola toda a cena. Outros autores abrem a possibilidade de uma participação na elaboração da obra ou ainda de uma recolha ou antologia⁵⁶, o que poria em causa a autoria da obra.

⁵³ Há aqui um jogo muito grande com o significado do nome de Job. O certo é que o nome é vulgar entre os semitas, cujo significado é tanto “onde está o Pai” [divino]= *iyob* como “Inimigo”= *oyob*. Os versos iniciais lembram um épico no qual ele seria o herói (possivelmente o mesmo herói que encontramos em Ez 14,14-20).

⁵⁴ Em muitas culturas de África ainda hoje o pai da família oferece um sacrifício e agradece a Deus pela boa colheita, pelo nascimento de um filho etc.

⁵⁵ Victor, CIVITA- António CHARNEIRA, A BÍBLIA - Antigo e Novo Testamento, op. Cit, p.5.

⁵⁶ AA VV, The Anchor Bible-Job, n. t.,v.15, Doubleday and Company, Inc. ,New York, 1965, p.32

5.2 Gênero Literário

O capítulo terceiro do livro de Job é um *monólogo* ou um drama sem acção. É a ressonância de uma voz de alma. O livro de Job é um caso singular na Bíblia: no início parece um livro histórico; mas, logo a seguir, o leitor depara-se com uma esplendida poesia, formada por longos diálogos. Este género poético, alias, é conhecido na Bíblia, embora não exista qualquer outro exemplo bíblico de diálogos longos tão extensos. *Os críticos, encontram no poema Babilónico o justo sofrimento expressões literárias às do livro de Job e ainda uma afinidade de matéria que se explicam pela analogia do tema, sem indicar dependência literária. Mas no escrito monoteísta que Job transcende o poema babilónico e as concepções politeístas, mesopotâmicas. O mesmo direi de algumas afinidades com os poemas Egípcios.*

Não é surpreendente que uma grande parte do livro de Job esteja na forma de poesia hebraica. A poesia tem sido descrita como a linguagem privilegiada para expressar a grande angústia, provocada tanto pelo sofrimento real como pela ignorância da razão do sofrimento. É, portanto, imperativo que o leitor tenha algum conhecimento da poesia hebraica. Diferente do verso moderno, que é reconhecido como poesia por causa de rima ou de metro, a poesia hebraica não depende de qualquer deles. Em vez disso, a poesia hebraica emprega um artifício conhecido como paralelismo⁵⁷.

O livro de Job movimenta-se dentro da atmosfera bíblica. Os vários géneros literários, lamentações, elegias, hinos, são familiares à Bíblia. A vida de Job assemelha-se à vida dos Patriarcas. As ideias sobre o sofrimento estão na linha dos livros proféticos. Não parece haver dúvida de que o autor do Livro de Job sofreu influência de Jeremias. Várias são as passagens que cotejadas com as do Livro de Job confirmariam esta afirmação (cf Jer, 20, 14-18; 12, 1-4; 15, 18; 20, 7-8). Também o Livro dos Provérbios tem muitas afinidades de expressão ideológica com o drama de Job, bem como alguns salmos (35, 38, 88, 94, 99) em que o tema do livro de Job é tratado. Há, pois, uma tradição

⁵⁷ Há três tipos comuns de paralelismo: 1. Sinonímico - a segunda linha do dístico (grupo de dois versos) repete o pensamento da primeira linha (por exemplo, 3,5; este é o tipo mais comum de paralelismo no livro de Job). 2. Antitético - a segunda linha do dístico forma um contraste com a primeira linha (por exemplo, 3,9). 3. Sintético - a segunda linha completa ou aumenta o pensamento da primeira (por exemplo, 3,3). *O Livro de Job* foi escrito em Hebraico. As grutas de Qumrân *deram-nos vários fragmentos, em escrita quadrada e um Targum*. A versão dos LXX resume o texto original em c. 1/5 as versões de Áquila, Símaco e Teodocião e a siríaca Pesbito são testemunhas de um texto pouco diferente do texto massorético actual. A vulgata latina é fiel ao texto original na sua forma poética. *O livro foi escrito depois do Exílio; os Diálogos dos amigos de Job parecem conhecer a crise moral e religiosa de muitos Judeus, exilados e as teorias que curso depois do Exílio. Todavia o livro de Job, não é posterior ao século III, pois é conhecido do Eclesiástico, dos habitantes de Qumrân e da versão dos LXX.*

bíblica que o autor do livro de Job aproveitou e desenvolveu. É evidente, todavia, que Job não podia antecipar a solução do valor do sofrimento do homem inocente, em união com Cristo (cf *Rom, 8, 18; Col, 1, 24*).

5.3 Unidades de sentido e significados

Uma leitura profunda sobre o capítulo terceiro do livro de Job leva-nos a conclusão de uma divisão em três unidades de sentido: Job amaldiçoa o dia de seu nascimento (1-10). De maneiras variadas, ele deseja que nunca tivesse nascido. Por isso, levanta imprecações sobre o dia que nasceu e a noite em que foi concebido. Evocação a Leviatã e aos abominadores. Na segunda parte de seu discurso, Job continua dizendo que se ele tinha que nascer, teria sido melhor se tivesse nascido morto (11-19). A morte é descrita como uma libertação das dificuldades desta vida. Expresso o desejo de morrer no ventre materno, desejo do repouso na paz e o desejo de ter sido um aborto escondido. Job termina o seu monólogo sugerindo que acolheria com prazer a morte, porém ela não vem (20-26). Interroga-se sobre a razão de vida de um infeliz (20-23) e expressa a sua condição física e espiritual (24-26).

Abriu a boca e disse (3,1). No primeiro versículo aparece o verbo dizer no pretérito perfeito, para introduzir o personagem principal no discurso. Não em forma do discurso indireto, mas no sentido do discurso indireto livre. Job rompe o silêncio dos sete dias e sete noites na presença dos amigos, dando uma reviravolta na narrativa, que formalmente passa da narrativa para a poesia. Então, o verbo aparece com uma função específica de fazer a transição tanto do contexto temático como o de uma nova atitude do personagem.

Muitos estudiosos fazem corresponder este versículo com Mt 5,2, que abre a secção das Bem-Aventuranças e onde se concentram os ensinamentos centrais de Jesus. Jesus é o Novo Moisés, revelando uma nova lei com nova autoridade⁵⁸. As críticas à lei antiga não são dirigidas à lei como tal, mas à sua interpretação errada. Job, apesar de não agir com a autoridade igual à de Moisés e de Jesus, toma palavra, abre a boca para contrapor-se à maneira de pensar e de agir com que não está de acordo.

No v. 3 aparece mesmo a forma verbal “*que se disse*” de forma substantivada referindo-se à noite. Aqui, a noite aparece personificada assim como em 30,17; é

⁵⁸ Cf. AAVV, *JOB*, Marvin H. Pope, Library of Congress, New York, 1965, 28.

preferível considerá-la sujeito de *amar* a interpretar este verso em forma impessoal «a noite na qual se disse»⁵⁹. Outros preferem dar a *'mr* o sentido de «recusar, negar-se» (oxalá se tivesse negado a noite a conceber um varão). Um outro exegeta B.D. Ehrman propõe o sentido que se lhe aplica em Miq.2,7, isto é «se tenha concebido». Talvez aqui se encontre o seu sentido mais eloquente⁶⁰.

um varão (v.3) Os que defendem que *geber* só significa «adulto» consideram absurda a afirmação «tenha sido concebido um adulto» e exigem a troca de *geber* por *zakar*. Porém, *geber* também pode significar «varão» pertencente ao género masculino no sentido em que se aplica em Dt 22,5⁶¹.

que este dia se envolva de trevas (v.4). Alguns autores consideram estas palavras como uma glosa. Porém, a frase tem um grande valor como antítese de Gn 1,3. Frente à ordem «haja luz», o desejo: «haja trevas»; para dizer que a criação deve ceder lugar ao caos inicial⁶².

as sombras (vs 8). ou *as sombras da morte*, como parece sugerir a vocalização massorética e interpretam as versões antigas e algumas modernas. Relaciona-se com a palavra *kmr* que, em siríaco, significa «ser escuro ou negro».⁶³

os que mal dizem o dia (v.9). Mantemos o texto massorético com a maioria dos autores. Kark L. Schimidt, seguido por H. Gunkel⁶⁴, em paralelo com o monstro marinho Leviatan. É, sem dúvida, uma concepção mitológica, as que maldizem o oceano são forças positivas, benéficas. Noutros textos, referem-se as forças malélicas *que maldizem o dia*. Lester L.Grabbe pensa que o autor teria modificado intencionalmente uma fórmula primitiva⁶⁵.

⁵⁹ L. Alonso SCHOKEI- J.L. SICRE DIAZ, *JOB Comentario Teológico Y Literario*, Ediciones Crisandade Madrid,1983, p.117.

⁶⁰ BART D. EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse? Quem Mudou A Bíblia e Porquê?* 2ª ed, Prestígio, S.Paulo, 2015, pp 20-43.

⁶¹ Idem.

⁶² Cf. M. FISHBANE, *Jeremiah IV and Job: A Redcovered Use of de Creation Patern*, VT 21, 1971, pp 151-167. Aqui se apresentam alguns acertos sobre as ideias de luz e trevas que nos remontam à criação e a aceitabilidade de todas as ideias que Job apresenta neste paralelismo.

⁶³ Cf L. ALONSO SCHOKEI- J.L. SICRE DIAZ, *Job. Comentario Teológico Y Literario*, op, p. 118.

⁶⁴ H. GUNKEL, *The Place of the Gospels in the General History of Literature* (Die Stellung der Evangelien in der allgemeinen Literaturgeschichte. In: Eucharistëron) trad. Byron R. McCane. Columbia, SC : Univ. of South Carolina Press 2002, pp 51-132.

⁶⁵ Idem.

os malvados (v.17). referindo-o aos proletários. Seria interessante que os vs.14-15 falassem dos poderosos e vs.17-18 dos débeis, tirando o v.19 a conclusão. Iria de acordo com a oposição entre os versos 11-12 e 16 que refletem dois modos contrários de vir ao mundo: como um menino bem acolhido (paralelo com os poderosos) ou como um aborto (paralelo com os débeis). Mas no v. 23 Job não encontra caminho: *cujo caminho está bloqueado*. Rompe Job o silêncio e a sua voz ressoa como um grito na profundidade, aludindo ao Sl 130,1 *desde o profundo abismo te grito*. Job remete-se ao seu nascimento, como que querendo abolir a raiz temporal da sua existência inteira (3,11-19), dirigindo-se posteriormente a Deus e a si mesmo (3,20-26). O discurso é um clamor de paixão e como tal tem de declará-lo e escusá-lo. A aposta de Satan era que Job amaldiçoaria a Deus; ao invés disto, Job amaldiçoa o dia do seu nascimento. Sua maldição é como um desejo do impossível. É um debate impotente com o tempo, dentro do qual existe como prisioneiro.

Jb 3,1-26 tem dois eixos: o eixo *da luz e o da escuridão*, o eixo *da vida e o eixo da morte*: um cósmico e outro humano; os dois transcendentais:

Luz/trevas. Ao inverter a ordem cronológica, primeiro nascimento depois concepção, Job vai baixando até ao primordial da existência. Deste modo, dia e noite pulsam normalmente na vida humana, resumem-se e concentram-se num dia e numa noite.⁶⁶ O ritmo sabido e querido de luz e escuridão cai absorvido numa total, violenta e contínua treva. É simbolicamente a treva de não existir, vista nostalgicamente desde de um existir em trevas.

A partir da sua existência um homem interpela a ordem cósmica da criação. Era uma ordem de distinção e separação: luz das trevas, dia e noite, águas superiores das inferiores, mares de continentes. No dilúvio aboliram-se as distinções das águas superiores e inferiores, mares e continentes, tudo ficou submergido num único oceano amorfo, vivendo o caos inicial⁶⁷.

Nós que vivemos uma civilização na qual pasta acionar um interruptor para dissipar as trevas, não percebemos facilmente a experiência da escuridão dos antigos. Devíamos voltar às nossas experiências infantis ou a momentos dramáticos de apagão coletivo. A

⁶⁶ Cf. L. ALONSO SCHOKEI- J.L. SICRE DIAZ, *JOB Comentario Teológico Y Literario*, op, p. 120.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*.

presente página vive e desperta ressonâncias no universo simbólico do antigo Testamento. No outro extremo do triunfo da treva está o triunfo da luz cantado em Is 60 e aludido em Zc 14,7 e recolhido em Ap 21,25; 22,5.

vida / morte. O segundo eixo condutor do nosso pensamento é *vida e morte*, com a porta da vida que é nascer. No sistema imaginativo hebreu, pelo nascimento *se sai à vida*, e dela *se entra* no reino da morte. Nascer e morrer são as portas, não ter nascido e estar morto são as duas zonas externas. Pois bem, o Senhor criou a terra para a vida, não a criou vazia, sim a formou habitável (Is 45,18). Assim o sente Job: abolir o nascimento, porta de acesso à vida; mas, já que é impossível recuar até ao final do tempo e abolir o nascimento, ao menos pode evocar e desejar outro extremo chegar a não existir pela entrada da morte.

Existe um momento de conjugação da noite-trevas com a vida, a que bem se alude no Sl 127,2 que é a noite de amor e da concepção: “...*Deus o dá aos seus amigos durante o sono*”; e em Sb 7,2: “...*massa de sangue, de viril semente e do cúmplice deleite do sono*”. Esta noite será totalmente noite se se lhe nega a bênção da fecundidade, se cai na esterilidade. Assim desejava Job. Isto também foi transparecido por uma judia na época das perseguições sobre o seu povo⁶⁸. A articulação *dia e noite* rege o desenvolvimento que se segue: 4-6 dia, 7-9 noite, com um verso conclusivo, o 10. Job concentra-se no seu dia e na sua noite; se reuníssemos todos os dias e todas as noites dos mortais condenados a sofrer, todo tempo se fundiria em trevas e o caos caindo sob a maldição⁶⁹. O eclipse, como obscuridade extemporânea e inexplicável, perturba a ordem e o ritmo da criação. É a conquista e invasão da luz pelas trevas. Em 3,11-19, a morte é vista com nostalgia, desde a dor; e a nostalgia transforma em valor o que é simples negação: não se distinguem, não trabalham, não sofrem, não há malvados. A dor é tão forte que o seu termo se apresenta como ameaça ao descanso (vs.10-18). Mas no v.13 a vida é apresentada como inquietação e fadiga, enquanto a morte é descanso (cf. Eclo 40, 1-7).

O reino da morte como reino da igualdade. O sujeito destes versículos é Deus, primeiro aludido depois nomeado. As palavras de Job são de queixa e não de maldição. O uso da fórmula clássica ‘porquê?’ pode expressar protesto e rebelião (cf. Ex 17,3;

⁶⁸ Cf. L. ALONSO SCHOKEI- J.L. SICRE DIAZ, *JOB Comentário Teológico Y Literario*, op, 121. Jb 3,1-26 encontra um forte paralelo em Jr 20,14-18.

⁶⁹ Cf. L., *Ibidem*, p.126.

Nm11,4; 14,3), mas também a súplica dolorosa e confiança (cf. Sl 44,24; 74,11; 80,13; 115,2). Os dois extremos da vida, os dois acessos a não ser, estão nas mãos de Deus, e só Deus é seu responsável⁷⁰.

Nos vs.22-23, o reino da morte é apresentado como que escondido debaixo da terra: cava-se a sepultura como se cava buscando um tesouro. Houve quem pensasse abrir os túmulos para procurar as riquezas que se enterraram com os donos. O desejo de morrer já foi expresso por Elias na sua viagem a Horeb (1Re 19,4) e Jonas diante de Nínive perdoada por Deus (Jn 4,3). Porém, a ideia de suicídio como evasão da vida atormentada não parece passar pela cabeça de Job. Nos versículos 24-26, Job volta-se para si mesmo. Descreve a sua situação no estilo do Sl 39, embora sem confessar os próprios pecados. Desde as breves e lapidares frases de resignação pronunciadas no prólogo até aqui, a consciência de Job tem ganhado profundidade, e tem sido a dor que tem intensificado a sua consciência.

5.4 A circunstância temática específica da narrativa

Depois de sete dias e sete noites de silêncio, na presença dos seus amigos, Job resigna-se à vontade de Deus e não se queixa. Porém, em Jb 3 vê a sua condição tão insuportável que até expressa o desejo de nunca ter nascido. Por isso, o capítulo começa com a expressão: “por fim, depois de tudo...”. Job não faz qualquer narração, mas dirige-se a Deus dando voz ao lamento, que vai constituir o capítulo terceiro, que dá origem ao começo dos diálogos de Job com os seus amigos.

5.5 A circunstância temática global da narrativa

O Livro de Job suscita muitas questões sobre o sofrimento humano inocente. O autor parece olhar para a criação e ficar profundamente perplexo com a sua complexidade. Na ironia das perguntas de Deus a Job, o autor leva ao clímax a questão fundamental de todo livro, nomeadamente o mistério da vida. Em Jb 3, trata-se do mistério de forças positivas e negativas que afetam a humanidade, a sociedade, a família, a riqueza, etc. Assim, a ironia de Deus torna-se a chave de interpretação dos conceitos teológicos do livro. Os seres humanos devem render-se a Deus quando se apercebem e aceitam as suas

⁷⁰ Cf. ALONSO SCHOKEL- J.L. SICRE DIAZ, *JOB Comentario Teológico Y Literario*, op, p.126

limitações. A fé deve manter-se, mesmo quando a compreensão falha. Depois de Job estrangeiro, submisso a Yhwh, eis o Job israelita que grita a sua revolta e a de um grande número de seus contemporâneos (3,1-26).

O Livro de Job é um clássico da literatura universal. Além de uma extraordinária beleza literária, este livro apresenta uma reflexão bem elaborada sobre algumas das grandes questões que o homem de todos os tempos coloca a si próprio: qual o sentido da vida? Qual a situação do homem diante de Deus? Qual o papel de Deus na vida e nos dramas do homem? Qual é o sentido do sofrimento humano, sobretudo do inocente? Job, o herói desta história, é apresentado como um homem piedoso, bom, generoso e cheio de “temor de Deus”. Possuía muitos bens e uma família numerosa. Mas, repentinamente, viu-se privado de todos os seus bens, perdeu a família e foi atingido por uma grave doença e não só.

A história do drama de Job serve para introduzir uma reflexão sobre um dogma intocável da fé israelita: o dogma da retribuição. Para a catequese tradicional de Israel, a atitude de Deus em relação aos homens estava perfeitamente definida: Yhwh recompensava os bons pelas suas boas obras e os maus recebiam sempre um castigo exemplar pelas injustiças e arbitrariedades que praticavam. A justiça de Deus – realizada sempre nesta terra – era linear, previsível, lógica, imutável.

Yhwh é um Deus definido, previsível, que se limita a fazer a contabilidade das ações boas e das ações más do homem e a pagar-lhe em consequência. No entanto, a vida punha em causa esta visão “oficial” de Deus e da sua ação na vida do homem. Constatava-se, com alguma frequência, que os maus possuíam bens em abundância e viviam vidas longas e felizes, enquanto os justos eram pobres e sofriam por causa da injustiça e da violência dos poderosos. O dogma acabava, sobretudo, por ser totalmente posto em causa pelo problema do sofrimento do inocente: se um homem bom, piedoso, que teme o Senhor e que vive na observância dos mandamentos sofre, como explicar esse sofrimento?

O Livro de Job reflete, precisamente, sobre esta questão. O herói (Job) discorda da teologia tradicional (no livro, apresentada por quatro amigos, que procuram explicar a Job que o seu sofrimento tem de ser o resultado lógico das suas faltas) e, a partir da sua própria experiência, denuncia uma fé instalada em preconceitos e em teorias abstratas que não tem nada a ver com a vida. Ele não aceita as falsas imagens de Deus fabricadas pelos teólogos profissionais, para quem Deus não passa de um comerciante que paga conforme a qualidade da mercadoria que recebe.

Como não pode aceitar esse deus falso, Job parte em busca do verdadeiro rosto de Deus. Numa busca apaixonada, emotiva, dramática, veemente, temperada pelo sofrimento, marcada pela rebeldia e, às vezes, pela revolta, Job chega ao “face a face” com Deus. Descobre um Deus onipotente, desconcertante, incompreensível, que ultrapassa infinitamente as lógicas humanas; mas descobre, também, um Deus que ama com amor de Pai cada uma das suas criaturas. Job reconhece, então, a sua pequenez e finitude, a sua incapacidade para compreender os projetos de Deus⁷¹. Reconhece que ele não pode julgar Deus, nem entendê-lo à luz da lógica dos homens. A Job, o homem finito e limitado, só resta uma coisa: entregar-se totalmente nas mãos desse Deus, incompreensível, mas cheio de amor, e confiar plenamente n’Ele. E é isso que Job faz, finalmente⁷².

Os amigos de Job, raramente colocam a questão de “porquê?” (18,3). O “porquê?” emerge sobretudo em Job no seu grito que exprime o seu drama profundo:

Por que não morri no seio de minha mãe ? (3,11)

Por que encontrei joelhos que me acolheram? (3,12)

Por que razão foi dada luz ao infeliz? (3,20)

Por que vive um homem cujo caminho foi barrado? (3,23)

Por que me tiraste do ventre de minha mãe? (10,8)

Por que me tomas por seu alvo? (17,22)

Por que me perseguis como Deus? (19,22)

Por que os maus continuam a viver (21,7)

Nestes “por que?”, Job resume o dilema do ser humano diante do mal que existe no mundo. A resposta não se encontra em fórmulas previamente estabelecidas, mas na pedagogia divina e na relação do homem com Deus. Pois a natureza de Deus é ser mistério⁷³.

De todos os livros do AT, o de Job é o mais sublime, o mais lutador, o mais arrojado e, o mesmo tempo o mais frustrante e, quase que diria o mais desencorajador. A sua linguagem é tão forte que desencadeia, como um relâmpago, uma deflagração simultânea de luz, de imaginação, de sentidos e de som, de tal forma que ao mesmo tempo o leitor

⁷¹ Cf. AAVV, *Job*, Marvin H. Pope, Library of Congress, New York, op cit, p.29.

⁷² Cf. *Ibidem*, p.30.

⁷³ Cf. José A. RAMOS (Coord.), *BÍBLIA 2000 – Job e Provérbios*, trad, Faculdade de Letras de Lisboa, Alfas, 1998, Lisboa, p16.

fica assombrando e confundido, desde que o homem de Hus eleva a voz e é tocado nas suas entranhas⁷⁴. Que voz! Quem que alguma vez advogou a causa humana com a tal intrepidez, com uma tal energia? Quem que alguma vez encontrou nas profundezas da sua fé abertura para um tal grito, para uma tal vociferação?

Em 3,1 Job toma o discurso e apresenta o seu grito desesperado, mas confiante. Tal como na poesia africana, não se move pela apresentação dos artifícios literários, mas sim move o coração apresentando um problema coletivo que se relaciona com Deus por meio da lamentação. Através desta forma, o autor aborda o papel do sofrimento no plano de Deus. Aqui, Job não se lamenta sozinho, mas na presença dos amigos⁷⁵, que não se pronunciam antes de ouvir o percurso dos acontecimentos. Mas Job apenas grita do interior.

Os amigos de Job, lembram-lhe apenas a doutrina judaica tradicional, segundo a qual as ações humanas são punidas ou recompensadas aqui na terra. A felicidade dos maus é curta e os bons são recompensados. E sem construir uma resposta as perguntas de Job, a resposta final é uma bonita e maravilhosa experiência de uma alma que procura a Deus: a satisfação humana de descobrir Deus no mundo cheio de distrações, preocupações, ansiedades, desespero, sofrimento, dor física, julgamentos e tentações (42,1-6). Eclesiastes continua a discussão da tragédia e da futilidade da vida humana. No entanto é só no NT que nos aproximamos de uma resposta para o problema do mal. Em Cristo, na Cruz, nós temos o sofrimento de um único homem realmente inocente. Vemos um Deus que nos ama tanto que está pronto a aceitar livremente o fardo pesado do pecado e do sofrimento humano. O “sábio” autor do Livro de Job lembra-nos, contudo, a nossa pequenez, os nossos limites, a nossa finitude, a nossa incapacidade para entender os mistérios de Deus e para compreender os caminhos por onde se desenrolam os projetos de Deus.

Por isso, preciso de perceber que *o acto de abrir a boca 3,1*, exige uma atitude de escuta. O silêncio reaparece continuamente nos discurso de Job (13, 1.6.17; 16,2;20,3; 21,2; 31,35) e nos apelos dos amigos (5,27; 15,17); e aparece no encontro entre Job e Yhwh, fechando surpreendentemente a parte poética do livro (42,4). Neste encontro fala-

⁷⁴ Cf. José A. RAMOS (Coord.), *BÍBLIA 2000 – Job E Provérbios*, trad, Faculdade de Letras de Lisboa, Alfas, 1998, Lisboa, p.16.

⁷⁵ Na maior parte das culturas Africanas e outras do Médio Oriente, é sempre o encontrado que tem a missão de abrir o discurso precedido por um tempo de meditação. Só depois faz a reportagem de tudo que aconteceu desde o último encontro com a visita. E quando o reportório atingir o dia do encontro, passa a palavra aos visitantes. Ali, o tempo se dilui no acontecimento, pelo que não há um espaço cronometrado para cada intervenção. Quando mais longo for maior confiança se revela (*Ulonga* na língua Umbundu).

se da escuta, ecoando um apelo semelhante ao de Elihu em 33,31 e ao que abre os discursos de Yhwh em 38,3. “ *Esta escuta integra a declaração de Job, em que ele expressa a sua percepção nova da realidade de Deus. O Job que possuía apenas uma ideia de Deus transmitida pela tradição, experimentou e compreendeu o mistério que envolve o agir e poder de Deus (...) adquirindo uma sabedoria que não tinha até então*”⁷⁶. Esta realidade abre perspectivas de um Job antes e depois do encontro com Deus: «pelo ouvido eu escutei, mas agora os meus olhos viram-te» (42,5). É uma experiência de vida aprofundada, que obriga Job ao novo posicionamento.

De uma coisa podemos estar certos: Deus ama-nos com amor de pai e de mãe e quer conduzir-nos ao encontro da vida verdadeira e definitiva, da felicidade sem fim... Talvez nem sempre sejamos capazes de entender os caminhos de Deus e a sua lógica... Mas, mesmo quando as coisas não fazem sentido do ponto de vista da nossa humana lógica, resta-nos confiar no amor e na bondade do nosso Deus e entregarmo-nos confiadamente nas suas mãos.

Tudo isto encontra ainda o seu fundamento na resposta de Deus a Job. Diante dos males e das injustiças que nos rodeiam, facilmente somos tentados a protestar contra Deus. Foi o que fez Job, no meio do seu sofrimento: «Por que ocultas a tua face, e me consideras teu inimigo? Queres assustar uma folha levada pelo vento e perseguir uma palha ressequida? Pois escreves contra mim acusações amargas, e atribuis-me faltas da minha mocidade» (Job 13, 24-26). Mas, no fim do livro, ouvimos Deus que interpela Job: «Alguma vez na tua vida deste ordens à manhã e indicaste o seu lugar à aurora... Desceste até às fontes do mar e passeaste pelas profundidades do abismo? Abriram-se-te, porventura, as portas da morte? Viste as portas da morada tenebrosa?» (cf. 38, 12.16s.). Quantas coisas Job ignora! Quantas lhe escapam e não pode captar! Nem com a ciência mais refinada poderia conhecer muitas coisas. Job reconhece, por isso, a necessidade de permanecer pequenino e humilde diante de Deus: «Falei como uma criança; que posso responder-Te» (40, 3). Job reconhece que não sabe tudo. Só Deus possui toda a ciência. É preciso confiar n'Ele, abandonar-se a Ele. Renuncia a fazer perguntas: «Ponho a minha mão sobre a boca; falei uma vez, oxalá não tivesse falado; não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais nada» (Jb 40, 4s.).

⁷⁶ Luísa M^a V. ALMENDRA, *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus- Composição e interpretação de Jb 32-37*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, p. 351.

Capítulo III – Perspectivas e dinâmicas de intertextualidade

O grito de Jesus na Cruz é uma clara citação do Sl 22. Porém, o contexto temático e global permite estabelecer um laço com o drama e o grito de Job, numa releitura do sentido do sofrimento do inocente.

6. Job a pergunta e Cristo a resposta

As respostas divinas ao problema da dor e da angústia humana seguem a pedagogia enquadrada nas relações de Deus com o seu povo. A pergunta de Job encontra uma resposta desconcertante em Jesus que de majestade se fez humanidade, de sabedoria, fez-se a loucura, de eloquência fez-se o silêncio⁷⁷. Um Deus que não se limita pacientemente ao mal dos pecados, nem utiliza sagazmente o sofrimento em favor dos que sofrem: assume as nossas dores e os nossos pecados. No novo silêncio de Deus «sem um só balido». Os sofrimentos de um só inocente – *Ecce Homo*.

Job representa a humanidade sofredora, que na angústia dirige o seu grito para Deus e pergunta: “porquê?”. Porém, a cruz de Jesus é a resposta que abre o sentido do que aparentemente parece não ter sentido: o amor gratuito até ao fim. É a escada para subir, a espada para lutar, a maravilha para contemplar. É o secreto lugar da cidade de Deus e os filhos de Job.

A questão do sofrimento humano inocente perpassa toda a história da humanidade e se nos apresenta sempre como um dilema. Pois o coração humano não descansa por ser uma realidade que ameaça a existência. O sofrimento, a dor, a morte (...) são realidades que, apesar de serem paralelos à existência humana, nunca se esvaziam da angústia que criam ao homem de todos os tempos. Esta realidade atinge o seu ponto mais alto na “cruz de Jesus” quando atinge a própria divindade. Por outras palavras, desde que o homem existe, a questão do mal, do sofrimento ou da morte, sobretudo inocente, e a procura da saúde ou da cura fizeram sempre parte das suas inquietudes e suscitou vários interrogativos sobre a origem do mal e o sentido da vida diante passividade de um Deus amigo. Se o fim daquele que é o mais precioso entre as criaturas, imagem e semelhança de Deus (Gn.1,26.27), em cuja responsabilidade Ele colocou as rédeas da criação é a morte, que sentido tem a vida?

⁷⁷ Cf. José Maria CABODEVILLA (coord), *La Impaciencia de Job, Estudio sobre el sufrimiento humano*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967, p.6.

É que a morte, diante da vida, parece tão impactante que nada pode contra ela. A morte apresenta-se sempre como uma intransigência, sendo certa no momento incerto e sem compaixão. Em nenhum passo da Bíblia encontramos uma referência intelectual ou abstrata para superar a morte. Quando chega, a vida torna-se fugaz e efêmera. Em 2Sm 14,14 encontramos uma referência à morte como perda irreparável “quando morremos somos como água que, uma vez derramada à terra, nunca mais se poderá recolher”. Em paralelo a esta passagem pode ler-se em Jo 11,33-38, onde a morte é temida como inimigo: “ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente e comoveu-se (...). Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: vede como era seu amigo. Mas alguns murmuravam: então se deu vista ao cego não podia ter feito com que Lázaro não morresse?”. A existência do mal no mundo coloca o homem numa situação angustiante.

O próprio Livro de Jb é um excelente exemplo. Alguns estudiosos querem insinuar que Job ainda não era um servo de Deus de facto e que ainda não havia experimentado uma real conversão quando passou por toda a prova imposta por Satanás⁷⁸. Se isso fosse verdade, porque é que Deus se refere a Job como seu servo desde a primeira menção do Senhor a ele (42,8)? E qual seria o mérito do teste, senão provar a Satanás que as provações não fariam que Job negasse a Deus, já que ele ainda não era “convertido”? A história de Job tão somente é a prova maior de que servir a Deus não é nenhuma garantia de prazer contínuo e nulidade de sofrimento. Veja que não é o mesmo que gostar de sofrer ou conformar-se com a dor. Job reclama de sua situação diversas vezes, mas em momento algum confronta ou nega a Deus pelas suas perdas. Porém mesmo no AT já se sabia que a busca exacerbada de prazer era fútil (Ecl. 2,1) e razão da ruína (Pr 21,17).

O homem de fé, pelo contrário encara a situação limite do mal ou da morte à luz do próprio Deus que que tudo criou do nada e que não é capaz de reduzir a sua criatura ao nada. Neste Deus que tudo criou, pronunciando sua Palavra cheia de poder, o homem deposita toda a sua confiança e vive a morte não como um fim, nem como uma derrota imparável da vida, mas como uma simples passagem, e uma passagem necessária, desta vida para a outra vida, desta pátria para a pátria eterna. O homem foi criado para a incorruptibilidade (cf. Sb 1,3-20). O certo é que o hebraísmo e o AT não nos apresentam uma visão clara sobre o destino do homem da morte. O comum é dizer-se que quem morre

⁷⁸ Cf. Cf. José Maria CABODEVILLA (coord), *La Impaciencia de Job, Estudio sobre el sufrimiento humano*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967, p.6.

foi juntar-se aos seus pais no sheol (cf. Jb 3,13-18), embora seja forte a ideia de ver o homem na perspectiva da sua relação com Deus e da necessidade que tem da redenção e da sua responsabilidade diante do Criador.

7. Traços de continuidade

Em Jb 3,1-26 está a personificação das inquietações da humanidade inteira sobre a questão do sofrimento humano inocente. Em Cristo temos a encarnação destas inquietações. Ele não falou do sofrimento; se limitou a aliviá-lo onde o encontrou e a assumi-lo quando chegou a sua hora.

Jesus é o Deus feito Homem. Que homem? *Ecce homo*: um homem doente, um homem coberto de chagas (cf. Is. 53,1-12; Mt 26,63) o mesmo que Job (Jb 2,7). A Cruz projetou sua sombra até à manjedoura e cobriu toda a carreira redentora. Perseguido em Belém, enviado a Nazaré, desprezado na Galileia, rejeitado em Samaria, apedrejado e morto na Judeia. Os seus padecimentos físicos não são mais do que uma destemida ilustração daquela aflição interna que não o abandonou jamais. A sua dor configura-se como solidariedade absoluta. “Veio aos seus e os seus não o receberam” (Jo 1,11). O Cordeiro de Deus leva em seu corpo os pecados da humanidade, e em Sua alma o peso dos nossos pecados. “Levando Ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro da Cruz, para que, mortos para o pecado, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes curados” (I Pd 2,24).

O tema da teologia tradicional da retribuição é teimosamente defendida pelos amigos de Job(4,1ss). Em 3,1ss o texto passa de uma prosa narrativa á poesia. O verbo dizer que introduz o protagonista em Job, é frequente nos Evangelhos a introduzir Jesus no episódio da Paixão (Mt 26,36; Mc 14,32; Lc 22,40).

Mas no v. 23 Job não encontra caminho: *cujo caminho está bloqueado* e em Mc 14,36 e paralelos, Jesus angustiado diz: “*Pai se é possível afaste de mim este cálice...*” (cf. Mt 27,43; Sl 22,9).

Job, naquele tempo, interrogava a Deus. “Porquê...?” (Jb 3,1-26). Agora, é quando, por fim, Deus decide dar resposta a Job. Ei-la aqui: é Jesus cravado na cruz. As imprecações dos amigos de Job, são os insultos dirigidos a Cristo na cruz pelos sacerdotes. Aquelas perguntas no vazio, aquelas perguntas que atormentavam a cabeça de Job tornam-se a coroa de espinhos usada pelo, assim chamado, Rei dos Judeus (Mc 15,2; Lc 23,3; Jo 18,37). O famoso espólio do grande proprietário da Idumeia, despojado

de tudo quanto possuía, encontra a sua oportuna referência no esvaziamento do Filho de Deus. Ao qual nada fica no seu próprio esplendor. As chagas de Job (Jb 2,7) são as muitas chagas que pendem na cruz (Fl 2,8). Neste sentido, percebe-se que o amor altruístico pode levar o justo ao sofrimento, tendo em conta um bem maior.

Em Job 3,4 aparece o desejo de transformar o dia em trevas. Em Mt 27, 45- 52 vê-se claramente que Jesus morre no meio de cenas extraordinárias: o véu do templo rasgou-se v.52, o terramoto e os corpos que se levantam dos túmulos v. 53. No fim o oficial romano que confessa que este homem era realmente filho de Deus (cf Mc 15,22-32; Lc 23,44-49; Jo 19,28-30). O silêncio de Deus nas tribulações de Job continua em Cristo desfigurado. As aspirações de morte em Job se realizam em Jesus.

Em suma, a continuidade que encontramos aqui, não é aquela de material linguístico e literário. Mas continuidade no tema do sofrimento inocente, no caminho que leva à exaltação, e sobretudo na fidelidade em praticar o bem.

8. Dinâmica de Rutura

A paciência de Job pode porventura comparar-se com a paciência de quem às acusações responde com silêncio, e aos golpes responde com a passividade do cordeiro que “ é levado à morte” (Mt 16,24; 1Pe2,21)? Atrever-se-ia alguém a comparar aquela inocência com esta? Job perguntava. Deus respondeu. Job aceita a resposta. Antes de se cortar a meta é preciso suportar o calor. Lc 9,22 projeta luz sobre o assunto em causa: “ É necessário que o Filho do homem sofra muito, seja rejeitado pelos magistrados, chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia”. Aqui Jesus mostra optimismo no cumprimento da sua missão que passará pelo seu esvaziamento, por amor à humanidade, substituindo o cordeiro do sacrifício (Ex 12,12-13; Lev 5, 18-19; Jo 1,29; 32; 34). Pois os sacrifícios antigos e as fórmulas de arrependimentos se tinham tornado ineficazes para a libação dos pecados. Por isso, a interrogação constante é: se a morte de Jesus era mesmo necessária para a libação dos pecados e se o seu pai não devia livrá-lo dos tormentos⁷⁹. A Carta aos Hebreus apresenta o projeto de vida de Jesus, caracterizado pelo cumprimento da vontade do Pai: “Não Te agradaram holocaustos nem imolações pelo pecado. Então Eu disse: Eis-Me aqui; no livro sagrado está escrito a meu respeito: Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade” (cf. Sal 39,9; Heb 10,7). A alusão ao livro

⁷⁹ Cf. José Maria CABODEVILLA (coord), *La Impaciencia de Job, Estudio sobre el sufrimiento humano*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967, p.8.

sugere, antes de mais, um processo de procura da vontade do Pai através da leitura/escuta e da meditação da Palavra, recebida da tradição de Israel⁸⁰. Por outro lado, a declaração pessoal Eu venho indica a apropriação dessa palavra da parte de Jesus, que lhe dá um novo significado mediante a sua própria vida. A mesma Carta permite-nos compreender ulteriormente essa atitude obediente de Jesus, evidenciando pedagogicamente o drama que atravessa a sua existência humana: nos dias da sua vida mortal, Ele dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento. E tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se, para todos os que Lhe obedecem, causa de salvação eterna (Heb 5,7-9). A oração e as súplicas referem-se à comunhão de Jesus com o Pai, sublinhando a sua condição de Filho. Por outro lado, os dias da sua vida mortal e os gritos e lágrimas aludem à sua natureza humana, onde a obediência filial tem um processo dramático de descoberta, evolução e realização⁸¹.

A comunhão com o Pai, alimentada constantemente na oração filial, é a fonte das escolhas, da força e da novidade criadora do ser e do agir de Jesus⁸². Assim, Ele poderá dizer: “O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou a realizar a sua obra” (Jo 4,34). No Jardim das Oliveiras, ao terminar o seu percurso entre os homens (cf. Mc14,32-42), Jesus confronta-Se, de forma ainda mais radical, com o plano do Pai, que parece contradizer as mais elementares expectativas do seu ser humano: salvar a vida, ver o seu sentido e verificar a sua validade. Mesmo no drama da aparente frustração dos próprios projetos (“Se é possível, afasta de Mim este cálice...” (Lc 22,42), Jesus aceita morrer para tudo isso, entregando nas mãos do Pai a sua vida e o futuro da sua obra. A obediência não leva ao aniquilamento da pessoa; pelo contrário, é a estrada da autêntica realização e da felicidade, apresentada por Jesus nas bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-10).

D. Marguerat sustenta que no modelo de rutura, Cristo é o fim da lei. A nova cerca a velha e inaugura uma nova escrita (a Deuteronomia), significando novo período aberto na história de Deus e do homem⁸³. O Velho Testamento é lido como a história de um fracasso, não no sentido em que reorientaram os textos do Livro dos Actos e o Evangelho segundo Mateus: um continuando em vigor (Mt 5,17-18) , mas no sentido de Paulo , onde a Torá já não é mais o caminho da salvação (Gl 3,13) (...) Este modelo é claramente

⁸⁰ Cf. José Maria CABODEVILLA (coord.), *La Impaciencia de Job, Estudio sobre el sufrimiento humano*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967, p.8.

⁸¹ Cf. W. KELLNER, *O Filho do Homem, A Mensagem Político Teológica de Jesus (Der Traum vom Menschensohn)* trad. Frederico Daltler, Paulinas, São Paulo, 1987, p. 111.

⁸² Cf. *Ibidem*.

⁸³ Cf. D. MARGUERAT, *Op.cit*, p.97.

com que começou o Novo estamento , mas sem resultado, e devido a um sistema de rejeição.⁸⁴ Job grita na companhia dos amigos, enquanto Cristo grita abandonado por todos.

Em suma, O grito de Job é revolta da sua situação enquanto homem justo aos olhos de Deus. O Grito de Jesus é uma obediência total, diálogo e esvaziamento.

9. Realização e plenitude

Este é o modelo que parece comum nos nossos tempos, de um Cristo que vem para o cumprimento do que foi anunciado na lei e pelos profetas. Porém, uma leitura unilateral é sempre claudicante, apesar de apresentar diversas evidências. Considerando uma releitura de realização D. Marguerat apresenta uma posição mais generalista: “Este modelo, se assim posso dizer, é o mais comum. É a crença cristã original: Cristo cumpre a lei. (...) O Novo realiza o Antigo, o que não implica a caducidade do Antigo. No lado judaico-literatura cristã está sobressaindo apócrifa; do lado cristão, a Escritura é lida como uma promessa”⁸⁵.

A perspectiva de cumprimento é abordada por P. Beauchamp a algumas passagens concretas: «Estamos interessados especialmente nas fórmulas totalizantes já presentes em Mt. 5,17 ("cumprir a Lei e os Profetas") e 26,54.56, assim como em Mc 14,49. Em Lucas e João, as fórmulas totalizantes são particularmente favorecidas: as Escrituras (Mt 26,54; Mc 14,49), todas as Escrituras (Lc 21,22; cf. Atos 13,29), a lei e os profetas (Mt 5:17; Lc 24:44; Jo 1:45), Moisés (Jo 5,46), os profetas (Atos 3,18 "todos"; 13,27). Aqui ele escapa mais facilmente apenas por meio de citações interligadas, as controvérsias referidas por referências a textos específicos, que muitas vezes nos parecem frágeis. Nós voltaremos para a importância e fertilidade perspectivas assim abertas»⁸⁶. Estamos diante do

⁸⁴ D. MARGUERAT, *Op.cit.*, « Dans le modèle de rupture, Christ est la fin de la Loi. Le nouveau clôture l'ancien et inaugure une nouvelle écriture (une deutéro-nomie), qui signifie la période neuve ouverte dans l'histoire de Dieu et des hommes. L'Ancien Testament est lu comme l'histoire d'un échec, non pas au sens matthéen où la Loi recentrée reste en vigueur (Mt 5,17-18), mais au sens paulinien, où la Torah cesse d'être le chemin du salut (Ga 3,13). La croix périmé la Loi et signe la faillite d'Israël. Ce modèle est nettement amorcé dans le Nouveau Testament, mais sans aboutir, et pour cause, à un système de rejet».

⁸⁵ D. MARGUERAT, *Op.cit.*, p. 97. «Ce modèle, si j'ose dire, est le plus courant. Il correspond à la conviction chrétienne originale : Christ accomplit la Loi. Le nouveau réalise l'ancien, ce qui implique qu'il l'accueille tout en le frappant de caducité. Du côté juif, la littérature chrétienne se constitue en excroissance apocryphe ; du côté chrétien, l'Écriture juive est lue comme promesse, mais seulement comme promesse, dépourvue de son accomplissement».

⁸⁶ Cf. P. BEAUCHAMP, *op.cit* 5, 108

cumprimento de um Messias não violento semelhante ao servo sofredor (Jo 18,11; Is 2,4; Mq 4,3)⁸⁷.

Cristo é-nos apresentado no NT, como alguém que estava plenamente consciente de que a sua missão era a de sofrer e por nós, conduzindo-nos à vida. Ele mesmo predisse a sua Paixão, morte e Ressurreição «Olhai, subimos agora para Jerusalém e cumprir-se-á tudo quanto foi escrito pelos profetas acerca do Filho do Homem. Vai ser entregue aos gentios, vai ser escarnecido, maltratado e coberto de escarros; e depois de O açoitarem, dar-Lhe-ão a morte. Mas no terceiro dia ressuscitará. (Lc18, 31-33). Porém, os discípulos não entenderam este mistério da redenção antes do seu cumprimento (Lc 24,25).

No entanto, para Jesus, a cruz estava sempre diante dos seus olhos. Jesus sujeitou-se ao batismo da cruz, amargo e salvador: «Eu tenho de receber o batismo, e que angustia as minhas entranhas até que se realize» (Lc 12,49); ele haveria de trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos (Jo 11,52). Foi vontade de Deus que a redenção se realizasse de forma perfeita e conveniente. Para isso foi necessário que o Filho de Deus se fizesse homem e sofresse. É neste sentido que falamos da Paixão e morte de Jesus. O próprio Jesus declarou que ia sofrer para nos trazer a vida eterna (Jo 3, 14-15). Ele tinha que sofrer porque o seu eterno Pai quis que a sua natureza humana, coroamento e elo de unificador de toda a criação, recebesse a sua glória como um fruto da cruz: «Não tinha o Messias de sofrer estas coisas todas para entrar na Sua glória?» (Lc 24,26 paralelos Is 53 e Sl 22)⁸⁸.

Como homem, Jesus reconheceu o mandamento que recebeu de Seu Pai (Jo 10,18). Jesus aceitou livremente tudo quanto a vontade de seu pai exigia. «Por isso, o Pai ama-Me, porque dou a minha vida para torna-la: (...) sou Eu que a dou por mim mesmo» (Jo 10,17-18). Foi assim que com amor livre e obediente que se entregou na Paixão à vontade de Seu Pai (cf. Lc 22,42). O amor compassivo gera a Paixão que nos mereceu a redenção e que nos lança para a comunhão, como se canta no precónio pascal sobre a ditosa culpa que nos mereceu tão grande redentor⁸⁹.

A cruz sobre a qual morreu Cristo, possui um lugar central na teologia de S. Justino⁹⁰. A característica mais frequente de messias sofredor é a de “Jesus Crucificado” (D 11, 4.5; 34, 8; 35,2...) do mesmo modo o “Mistério da cruz” (D 134, 5) envolve toda e a realidade

⁸⁷ Tertuliano e Orígenes comungaram já desta ideia segundo a qual desarmado Pedro Jesus mostrou que os cristãos desde aquele momento todos nos tornamos filhos da paz.

⁸⁸ A. LORENZO, *The Teaching of the Christ*, João Evangelista Simão, Gráfica de Coimbra, 1981, p. 131.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, p. 132.

⁹⁰ Cf. *Ibidem*.

da existência, tornando-se a expressão mais forte da força e poder de Deus em Jesus Cristo (D 49,8; 1 Apol 55,8) da destruição do mal e dos demónios(cf 131,5) e sinal de esperança e salvação para o homem que acredita nele (cf D 74, 3). Na verdade Cristo crucificado constitui a resposta decisiva à salvação humana e ao conhecimento pleno de Deus, pois, tal como ele mesmo diz: “...aqueles que procedendo das nações conheceram a Deus criador do universo, por meio de Jesus Cristo Crucificado” (D 34,8). A força e o poder da cruz, estavam já descritos em São Paulo como instrumento de salvação (1 Cor 1,18; 2,14) ao ponto se tornar o único motivo pelo qual o apóstolo se deve gloriar (Gal 6, 14).

Era mesmo necessário e fundamental que S. Justino realçasse o carácter salvífico da cruz, porque á luz da lei mosaica, os judeus viam nela sinal ignominioso e maldito: “O que duvidamos (diz Trifão) é que Cristo tivesse que morrer tão ignominiosamente, pois na lei diz-se que é maldito o que morre crucificado (cf Dt 21,23; Gal 3,13), que as Escrituras tenham um Cristo é evidente; o que eu saber, se tens algo a demonstrar, é que tivesse que sofrer um suplício maldito por lei» (D 89,2)”. S. Justino fundamenta e demonstra a riqueza salvífica do mistério da cruz, desprezado e cheio de opróbrio (D 131,2) lendo-o sempre como a realização da vontade divina. Deste modo, afirma que Cristo não é maldito. Ao contrário, são malditos todos aqueles que não cumprem a lei divina e por quem Cristo se dignou se dignou morrer crucificado. Deste modo, a cruz já não é símbolo de fracasso, mas sim um estandarte da glória⁹¹.

⁹¹ Cf. D.B. RUIZ, *Padres Apologistas Gregos, Diálogo com Trifão*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997, pp. 280-548.

Conclusão

De tudo o que se disse é possível depreender que a intertextualidade bíblica é um método que permite observar como as Escrituras teriam influenciado o Novo Testamento. Só fazendo uma leitura crítica das Escrituras é possível ver nelas a linha condutora da economia da salvação.

Em todos os tempos o homem confrontou-se sempre com a questão do mal que existe no mundo. E a primeira questão que se põe é sempre no sentido interrogar a ação de Deus diante do sofrimento humano inocente; a violência no mundo, o ódio racial, delitos quotidianos, egoísmo de jovens e adultos, que procuram apenas o próprio interesse. Hoje, vendo as catástrofes naturais, a fome, crise dos refugiados, a guerra interminável no oriente e noutras partes do mundo, o grito é sempre: Terá Deus esquecido a sua criatura?

Estas e outras questões são assumidas por Job em nome de toda a humanidade inocente sofredora. A estas inquietações todas Deus responde enviando o Seu Filho ao mundo; um envio que parte do amor do Pai e se exprime no amor de Jesus até ao sacrifício extremo: “Ninguém pode ter mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15,13). Cristo ama a todos, chama a todos e dá a vida por todos. Porque o homem é criatura privilegiada diante de Deus, uma vez que foi por ele tratada com tanto amor. Por que é que Deus amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu filho unigénito? Para que todo aquele que nele crê não pereça, mas que tenha a vida eterna.

O tema do sofrimento humano inocente, abordado em Job, é continuado e levado à plenitude por Cristo. O grito de Jesus na Cruz começa naquele grito de Job. Porém, enquanto Job grita e se revolta, o grito de Cristo é uma oração e diálogo permanente com o Seu Pai⁹². Job reconhece que não sabe tudo. Só Deus possui toda a ciência. É preciso confiar n’Ele, abandonar-se a Ele. Renuncia a fazer perguntas: «Ponho a minha mão sobre a boca; falei uma vez, oxalá não tivesse falado; não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais» (Jb 40, 4s.).

Hoje também gostaríamos de enxugar todas as lágrimas deste mundo: «Não chores» (Lc 7,13). Os meios de comunicação mostram-nos, hoje mais que nunca, as dores da humanidade. São tantas! Se pudéssemos, a tantos homens e mulheres lhes diríamos «levanta-te» (Lc 7,14). Mas, não podemos, não podemos Senhor! Sai-nos da alma dizer:

⁹²Cf. D.B. RUIZ, *Padres Apologistas Gregos, Diálogo com Trifão*, Gráficas de Coimbra, Coimbra, 1997, pp. 207.

- Olha, Jesus, que nos vemos desbordados pela dor. Ajuda-nos! Diante desta sensação de impotência, procuremos reagir com sentido sobrenatural e com sentido comum. Sentido sobrenatural, em primeiro lugar, para nos pormos imediatamente nas mãos de Deus: não estamos sós, Deus visitou seu povo (Lc 7,16). A impotência é nossa, não Dele. A pior de todas as tragédias é a moderna pretensão de edificar um mundo sem Deus e, inclusive, às costas de Deus. Logo, é possível edificar “algo” sem Deus, mas a historia tem-nos mostrado sobradamente que este “algo” é frequentemente inumano. Aprendamos de uma vez por todas: Sem mim nada poderás fazer (Jo 15,5).

Em segundo lugar, sentido comum: a dor não podemos eliminá-la. Todas as “revoluções” que nos têm prometido o paraíso nesta vida, acabam semeando a morte. E mesmo o hipotético caso de que algum dia se poderá eliminar toda a dor, não deixaríamos de sermos mortais... (por certo, uma dor que só Cristo-Deus tem dado resposta real).

O espírito cristão é “realista” (não esconde a dor), e ao mesmo tempo “optimista”: podemos “gerenciar” a dor. Más, ainda: a dor é uma oportunidade para manifestar amor e para crescer no amor. Jesus Cristo – o “Deus abrangente” percorreu este caminho. Nas palavras do Papa Francisco, “comover-se com (“mover-se com”), compadecer (“padecer com”) do que está caído, são atitudes de quem sabe reconhecer no outro a sua própria imagem [de fragilidade]. As feridas que cura no irmão são unguento para as próprias. A compaixão de converte em comunhão, em ponte estreita sobre os laços”.

Quando o homem é fiel à sua inocência e encaminha bem os primeiros princípios, tende com maior veemência à procura do mais perfeito, do Absoluto que é Deus. O homem medieval deixou-se levar por esse processo e chegou a realizar obras que, por assim dizer, completavam as do seu Criador.

São Paulo ousa afirmar em sua carta aos Colossenses: “Agora alegro-me com os sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja (Col 1,24). Assim, podemos dizer que os mártires completam a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Bibliografia geral

I. Fonte

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Gráfica de Coimbra, Lisboa, 1991.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Edições Paulinas, São Paulo, 1991.

BÍBLIA SAGRADA AFRICANA, texto da Difusora Bíblica, Edições Paulinas, Maputo, 2003.

NOVA BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS, Para o Terceiro Milénio da Encarnação, Difusora Bíblica, Gráfica de Coimbra, Lisboa/Fátima, 1998.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS, Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), Barueri, São Paulo, 2007.

II. Instrumentos de trabalho

a) Dicionários e Enciclopédias

AA.VV., *Grande Lessico del Nuevo Testamento*, IX, Brescia, 1974.

_____, *Enciclopédia Luso- Brasileira de Cultura*, v.10, Verbo, Porto, 1999.

BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, vol.I, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996.

b) Gramáticas e Léxicos

ALONSO SCHOKEL, L. - SICRE DIAZ, J. L., *Job. Comentário Teológico Y Literario*, Ediciones Cristandade Madrid, 1983.

_____, *Biblia del Peregrino* (Nuevo Testamento), Tomo III, ed. Verbo Divino, Pamplona, 1996.

ARNDT, William F.- GINGRICH, F., *A Greek-English lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, The University of Chicago Press, Chicago, 1959.

FREIRE, António, *Gramática Grega*, Livraria A. I. , Publicação da Faculdade de Filosofia, 9ª edição, Braga, 1987.

JUNIOR, Manuel Alexandre, *Gramática de Grego. Clássico e hermenêutico*, Alcalá –

Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 2003.

III. Documentos Conciliares

CONCÍLIO ECUMENICO VATICANOII, Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), Editorial AO, Braga, 1987.

_____, Constituição Dogmática Sobre a revelação Divina (*Dei Verbum*), Editorial AO, Braga, 1987.

_____, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Actual (*Gaudium et Spes*), Editorial AO, Braga, 1987.

IV. Base sobre intertextualidade

COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Secretariado Geral do Episcopado, Rei dos Livros, Lisboa, 1993.

DOCKERY David, *Hermenêutica Contemporânea à Luz da Igreja Primitiva*, trad. Álvaro Hattner, Ed. Vida, São Paulo, 2005.

BEAUCHAMP, Paul, *Lecture Christique de L'Ancien Testament*, Paris, 2000.

MARGUERAT, D., *Le Dieu des premiers Chrétiens*, in *Essais Bibliques*, 16, Genève, 2011.

KRISTEVA, J., *Séméiotikè: recherches pour une sémanalyse*, Seuil, Paris, 1970.

V. Estudos sobre o Grito de Jesus e de Job

AA VV, *Job*, The Anchor Bible, n. t., 15 vol, Doubleday and Company, New York, 1965.

_____, *Comentario al Nuevo Testamento*, Casa de la Biblia, Seguíme, Salamanca, 1995.

_____, *The Collegeville Bible Commentary - Based on The New American Bible*, New Testament, Robert J. Karris (General Editor), The Liturgical Press, Collegeville, Minnesota, 1988.

_____, *La Bibbia Piemme*, trad. Vito Mancuso e Paolo Pellizzari, Edit. Casal Monferrato (AL), Borgaro Torinese, 1989.

ALMENDRA, Luísa M^a V., *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus- Composição e interpretação de Jb 32-37*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007.

- BAC., *La Sagrada Escritura, Nuevo Testamento I*, Ed, Catolica, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1964.
- BALLARINI, T., et al., *Introdução à Bíblia, com antologia Exegética*, trad. João Martins Terra, Ed. Vozes, Petrópolis, 1974.
- CABODEVILLA, Jose M^a, *La Impaciencia de Job, Estudio sobre el sufrimiento humano*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1967.
- CIVITA, Victor – CHARNEIRA António, *A Bíblia - Antigo E Novo Testamento*, trad. Joaquim Salvador, Vol. IV, Ed. Abril, S. Paulo, 1996.
- DUQUOD Christian, *Cristologia- Ensayo Dogmático*, 2^a ed, Sigueme, Salamanca, 1971.
- EHRMAN, Bart D., *O Que Jesus disse? O Que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e porquê?* 2^a ed, Prestígio, S. Paulo, 2015, pp 20-43.
- FABRIS, R., *Matteo*, Edizioni Borla, Roma, 1996.
- FALCÃO, C. José, *O Novo Testamento, Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Casa Nuno Alves, Lisboa, 1956.
- FERRARO Benedito, *A significação política e teológica da morte de Jesus*, Vozes Lda., Petropolis, 1977.
- FISHBAN, M., *Jeremiah And Job: A Rediscovered Use of de Creation Patern*, VT 21, New York, 1971.
- JEREMIAS, Joachin, *El Mensaje De Nuevo Testamento- Evangelio Segun San Mateo*, Ed. Sigueme, Verbo Divino, Madrid, 1989.
- KASEMANN, Ernest, *Jesus Cristo é liberdade*, trad. J. Sousa Monteiro, Livraria Telos, Porto, 1968.
- KELLNER, Wendelin , *O Filho do Homem, A Mensagem Político Teológica de Jesus (Der Traum Vom Menschensohn)* trad. Frederico Daltler, Paulinas, São Paulo, 1987.
- LEAL, Juan at alii., *La Sagrada Escritura (Nuevo Testamento)*, 2^aed., Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1964.
- LORENZO, Albacete et alii, *The Teatching of the Christ, (A mensagem de Cristo)*, João Evangelista Simão, Gráfica de Coimbra, 1981.
- LOURENÇO, João Duarte, *O sofrimento no pensamento bíblico (Releitura Hermenêutica de Isaías 53)*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2006.
- MESTERS, C., *Deus, Onde estás?*, Ed. Vegas S.A., Petrópolis, 1972.

MOLONEY, F. J., *The Gospel of Mark, A Commentary*, Hendrickson / Publishers, New York, 2002.

NEVES, José Carreira das , *Jesus Cristo, História e Fé*, Ed. Franciscana, Braga, 1989.

_____, *Evangelhos Sinóticos*, Universidade Católica, Lisboa, 2004.

_____, *Jesus de Nazaré, Quem és Tu?*, Ed. Franciscana, Braga, 1980.

POPE, M.H. , *Job*, Library of Congress, New York, 1965.

RAMOS, J.A. (Ed.), *Bíblia 2000 – Job e Provérbios*, trad. Faculdade de Letras de Lisboa, Alfas, Lisboa 1998.

ROBERT, A. – FEUILLET, A., *Introducción a La Biblia*, II tomo, Herder, Barcelona, 1967.

RUIZ, Daniel Bueno, *Padres Apologistas Gregos*, Diálogo com Trifão, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

SOUSA, M.R., *Para que também vós acrediteis. Estudo exegético-teológico de Jo 19,31-37*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009.

VI. Discurso

BENTO XVI, PP, *Paixão - audiência geral, Sala Paulo VI*, Quarta-feira, 14 de Setembro de 2011.

VII. Suporte Eletrónico

<http://www.vatican.va>

Índice

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Siglas e Abreviaturas	iv
Abstract.....	vi
Introdução	1
a. A Dinâmica da Intertextualidade Bíblica	2
b. Conceitos e Metodologia.....	3
c. A estrutura intertextual da Bíblia	4
d. O Antigo e o Novo. Leituras cristãs do Antigo Testamento	5
e. Ecos dos Primeiros Cristãos	7
Capítulo I - O testemunho textual do NT: Mt 26,36-46/ 27,45-51; Mc 15,33-41; Lc 23,44; Jo 19,28.....	10
1. Aspectos literários relevantes (personagens, semântica)	11
2. Circunstâncias específicas e literárias de cada narrativa	15
3. Unidades de Sentido e Significados	20
4. Circunstâncias globais de sentido das diversas narrativas	22
Capítulo II - O testemunho textual do AT: Jb 3,1-26.....	30
5. Aspectos literários relevantes (personagens, semântica)	31
Capítulo III – Perspectivas e dinâmicas de intertextualidade.....	43
6. Job a pergunta e Cristo a resposta	43
7. Traços de continuidade.....	45
8. Dinâmica de Rutura.....	46
9. Realização e plenitude.....	48
Conclusão.....	51
Bibliografia geral.....	53